

A ARTE CONTEMPORÂNEA GUINEENSE: QUASE CINCO DÉCADAS DE ARTE NA GUINÉ-BISSAU E NA DIÁSPORA. QUAL É O PRÓXIMO PASSO?*

CONTEMPORARY ART FROM GUINEA-BISSAU: ALMOST FIVE DECADES OF ART IN GUINEA-BISSAU AND THE DIASPORA. WHERE DO WE GO FROM HERE?

Joseph Abraham Levi 雷祖善博士**

RESUMO

Neste estudo analisar-se-ão as obras produzidas por alguns artistas plásticos contemporâneos a viverem na Guiné-Bissau e na Diáspora guineense com particular atenção dada aos géneros artísticos por eles usados assim como à sua mensagem sociopolítica. Após uma breve introdução às diferentes formas de arte plástica oriundas da Guiné-Bissau e da Diáspora guineense, concentrar-nos-emos em alguns artistas plásticos para desconstruirmos a sua produção artística e, contemporaneamente, analisarmos o seu conteúdo criativo-social.

PALAVRAS-CHAVE: *Alteridade. Diáspora. Guiné-Bissau. Imagética.*

ABSTRACT

In this study, I analyze the art work hailing from a selected pool of contemporary artists from Guinea-Bissau and explore their discourse in terms of artistic genre and sociopolitical message. After a brief introduction to the different art forms originating from Guinea-Bissau and the Bissau-Guinean Diaspora, I concentrate on some contemporary artists focusing on their production and analyze their creative and societal contents.

KEYWORDS: *Alterity. Diaspora. Guinea-Bissau. Images.*

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Situada na costa da África Ocidental – fazendo fronteira com o Senegal, ao norte, a Guiné Conacri, ao sul e ao leste, e banhada pelo Oceano Atlântico, a oeste – a Guiné-Bissau encontra-se dividida em oito regiões e um setor autónomo, nomeadamente: Biombo (capital: Quinhamel), o setor autónomo

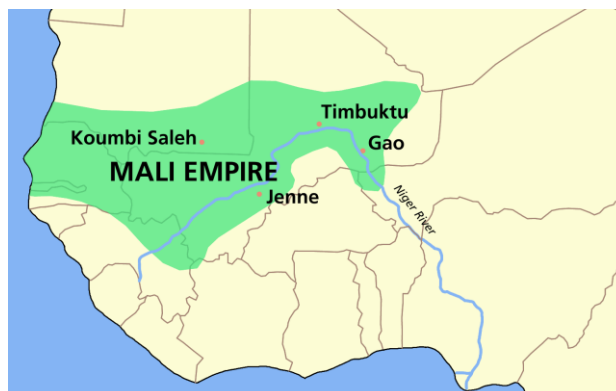
* Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico, variante Português Europeu. Referências e citações de publicações escritas conforme o Acordo Ortográfico de 1973 permaneceram fiéis a esta convenção gráfica

** Investigador de Língua Portuguesa e Estudos Lusófonos, Africanos, Islâmicos e Sefarditas na George Washington University. Doutor em Filologia e Linguística Românicas pela University of Wisconsin-Madison; Mestrados em Português e Italiano pela University of Wisconsin-Madison. Email: jalevi21@gwu.edu

de Bissau (capital: Bissau), Bafatá (capital: Bafatá), Bolama (capital: Bolama), Cacheu (capital: Cacheu), Gabú (capital: Gabú), Oio (capital: Farim), Quinara (capital: Quinara) e Tombali (capital: Catió) (LEVI, 2013b, p. 3).

Aquando da chegada dos Portugueses ao longo das costas ocidentais africanas, em 1440, a área geográfica a cobrir a hodierna Guiné-Bissau fazia parte do antigo Império do Mali (1230-1546), (LEVI, 2019, p. 81).

Figura 1 – Mapa do Império do Mali



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8f/MALI_empire_map.PNG

Navegadores portugueses chegaram às terras e aos mares da futura Guiné-Bissau em 1446. Apesar do seu tamanho reduzido, 36.126 km.², a atual Guiné-Bissau possui um leque etnolinguístico muito variado, com usos e costumes, assim como famílias glóticas, muito diferentes e, por vezes, antagónicas entre si.

Figura 2 – Distribuição dos grupos étnicos de Mali por área geográfica



Fonte: Jairwpr (2014)

Os Fulas (ou Fulânis, com pouco mais do 20% da população) e as populações pertencentes ao cepto etnolinguístico dos Mandingas (com pouco mais do 15% da população) constituem a grande maioria da população do País e geralmente habitam a faixa geográfica contida entre o norte e o nordeste da Guiné-Bissau. Contudo, na Guiné-Bissau também se encontram outros grupos etnolinguísticos, como o mega grupo dos Balantas (comumente encontrados ao longo da costa meridional do País e a contar com quase o 30% da população) e os Mandjacos (a preferirem, ao invés, a costa setentrional e central do território guineense e com quase 16% da população).¹ Adicionalmente, os Bijagós constituem pouco mais do 65% da população da região de Bolama.²

A língua oficial da Guiné-Bissau é o Português. Contudo, só uma pequena parcela do País, muito provavelmente os 15% dos guineenses (com uma população total de quase um milhão e oitocentos mil habitantes)³ domina a língua de Camões:

Na Guiné-Bissau, tal como em muitos países de África, as línguas são muitas porque os grupos étnicos são vários, possuindo cada um a sua língua. Porém, no caso específico do meu país, para além das línguas usadas por cada um dos grupos étnicos, existe uma língua franca falada por cerca de 70 por cento da população de todo o país, o crioulo de base [lexical] portuguesa, e uma língua oficial utilizada na administração e no ensino, o português, dominado por cerca de 12 por cento da população guineense (SEMEDO, 2006a).

Se não considerarmos as vinte e sete línguas étnicas hoje (re)conhecidas, para não mencionar as inúmeras outras línguas e outra tantas infindas variantes dialetais faladas, o idioma mais falado na Guiné-Bissau é o *Kriol* – um crioulo de base lexical portuguesa, também denominado “língua guineense”, “crioulo guineense” ou “crioulo da Guiné” e parte dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa da Alta Guiné –, falado por quase 60-70% da população, sobretudo em Bissau e nos centros urbanos do País (GONÇALVES, 2008).

¹ *Projections démographiques en Guinée Bissau. 2009-2030*. Bissau: Observatoire Economique et Statistique d’Afrique Subsaharienne. Instituto Nacional de Estatística, 2013; *Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números (2015)*. Bissau: Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau, 2015. Disponível em: <http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/guineebissau-em-numero2015.pdf>. *Terceiro Recenseamento Geral a População e Habitação – 2009. Instituto Nacional de Estatística*. Bissau: Instituto Nacional de Estatística, 2009. Disponível em: http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf.

² *Projections démographiques en Guinée Bissau. 2009-2030*. Bissau: Observatoire Economique et Statistique d’Afrique Subsaharienne. Instituto Nacional de Estatística, 2013; *Boletim Estatístico da Guiné-Bissau. Guiné-Bissau em números 2015*. Bissau: Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau, 2015. Disponível em: <http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/guineebissau-em-numero2015.pdf>.

³ Guinea-Bissau. *CLA World Factbook*. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/guinea-bissau/>

Muito provavelmente a palavra *griot* é uma corruptela afrancesada do étimo português “criado” (LEVI, 2013a, p. 221). Em muitas partes da África Ocidental, sobretudo ao sul do Sara, a coincidir principal, mas não necessariamente, com as áreas da antiga dominação colonial francesa, o *griot* é o contador de histórias/*estórias*.⁵

Quase sempre a som de música, o *griot* possui o tarefa de adestrar a nova geração para que essa última possa aprender, através da recitação/encenação oral mnemônica, a história do clã, da tribo e dos seus antepassados, servindo assim de elo e ponte entre o passado, o presente e o futuro, onde improvisação, exageros, hipérbolos, pantomimas, poesias, música e artes, entre as demais formas artísticas ao alcance de todos, contribuem para cada indivíduo partilhar, aprender e depois transmitir às futuras gerações.

Figura 5 – Imagem de Sambou, griot de Niantanso.



Fonte: Mage (1872, p. 34-35).

⁵ Convém lembrar aos leitores que o termo *estória* é um neologismo falso, pois a palavra era usada no Português Arcaico com o sentido de *história*, ou seja, “história popular/tradicional”, em oposição ao étimo *história*, “história/acontecimento histórico”. Já a partir do *fin-du-siècle* o termo *estória* fora ressuscitado - primeiramente por escritores brasileiros e luso-africanos – para marcar a diferença entre *história popular/tradicional* e *história/acontecimento histórico*, dado que, no Português Contemporâneo, a prescindir do padrão, só existe a palavra *história* para designar os dois termos supracitados (Cf. LEVI, 2013a).

Sem exceções, nesse caso, todas as literaturas africanas pré-contacto islâmico e europeu são transmitidas oralmente de uma geração à outra. Não é de estranhar, então, que, na maioria dos casos, o nome do autor da narração seja desconhecido ou, pelo menos, dada a cadeia de transmissores, se encontre diluída através dos séculos, esquecida ou – como dizia o modernista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), na sua brilhante obra *São Bernardo* (1934) – “perdida na escuridão do tempo” (RAMOS, 2005). O conteúdo, ao invés, é quase sempre noto, conhecido por todos os membros da comunidade tribal, os quais, de uma maneira ou outra, contribuem à atuação - entenda-se, encenação – da narração, inevitavelmente acompanhadas por música, danças e cantos (LEVI, 2004, p. 15).

A literatura oral africana compreende quase todos os géneros literários que caracterizam uma civilização humana, sendo o romance (assim como este é entendido na sua aceção ocidental) a forma menos apreciada entre as demais. Adivinhas, canções – entre as quais ressaltam as encomiásticas e de caça, assim como as de amor e as sempre presentes orações fúnebres –, contos de fadas, animais e outros seres fantásticos, composições gnómicas, crónicas, dramas, enigmas, épicas, fábulas, lendas, mitos, rimas e poesias recitadas e cantadas são aquilo que podemos encontrar em quase todas as literaturas orais africanas ao sul do Sara, da Mauritània ao Sudão, dos dois “Congos” à África do Sul, incluindo as ilhas atlânticas e índicas (LEVI, 2004, p. 15).

As artes tradicionais africanas, como as nove musas das suas contrapartidas gregas⁶, são portanto o espelho das sociedades onde se encontram, sendo os porta-bandeiras das micro e macro sociedades que representam.

AS ARTES E A GUINÉ-BISSAU

A Arte “faz parte do desenvolvimento”

(Nélio dos Santos)

Como em todos os países e territórios do orbe terráqueo onde habitam e interagem seres humanos, também na Guiné-Bissau as Artes possuem um espaço importante no seio das comunidades, pois são o marco distintivo da cultura de um determinado grupo, a ressaltar as suas características étnicas, linguísticas, dialetais e culturais, entre as demais.

As tradições, os usos e os costumes, ou seja, a herança cultural de um povo, podem manifestar-se em diversas maneiras, como, por exemplo, nas artes plásticas, nas tradições orais, na música e na dança, todas a enaltecerem a unicidade de um determinado grupo, clã ou tribo.

⁶ Na mitologia grega, as nove musas gregas – filhas de Zeus e Mnemósine –, através das suas Artes, tinham a capacidade de inspirar a criação artística ou científica dos artistas. Recordemo-las: Calíope (Eloquência), Clio (História), Erato (Poesia Lírica), Euterpe (Música), Melpómene (Tragédia), Polímnia (Música Cerimonial), Tália (Comédia), Terpsicore (Dança) e Urânia (Astronomia e Astrologia).

Ora, quando um país ou um determinado território possuir um leque variado de grupos étnicos e linguísticos, como no caso da Guiné-Bissau, o discurso e a missão encontrados nas várias expressões artísticas podem representar uma ou mais do que uma mensagem sociocultural, segundo o momento histórico e as exigências específicas da comunidade.

Aquando do período colonial português (1415-1999; Timor-Leste: 1975-2002), Portugal só conseguira conter as revoltas na Guiné-Bissau – outrora denominada Guiné Portuguesa e Estado da Guiné (1446-10 de setembro de 1974) – durante as primeiras décadas do século XX (1879-1936). Resulta óbvio, então, que, devido a estas preocupações, o interesse pelas Artes, incluindo as Artes Plásticas, tenha ocorrido mais tarde na Guiné-Bissau em relação às suas contrapartidas de língua portuguesa em terras africanas – nomeadamente, Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe – apesar de os primeiros passos literários terem sido empreendidos sob a salvaguarda do regime colonial (Império Colonial Português em África: 1890-1975) (LEVI, 2013b, p. 2).

Segundo muitos analistas deste país, naturais da terra e não, durante estes quarenta e nove anos de Independência (24 de setembro de 1973), “a cultura e o desporto foram as áreas que mais evoluíram na Guiné-Bissau, em detrimento de outras vitais para o desenvolvimento do país” (DARAME, 21 set. 2018), *primae inter pares* as infraestruturas, estas últimas encontradas em detrimento total.

Os governantes guineenses do novo milénio parecem ter retrocedido a uma fase de letargia quanto ao apoio às Belas-Artes. Pois, sem sombra de dúvida, “a melhor fase da Guiné-Bissau como país foi a década de 80 [do século XX], porque na época havia, de facto, um Estado digno desse nome, que infelizmente hoje se desmoronou” (DARAME, 21 set. 2018).

Deposto em 1980 com um golpe de estado liderado por João Bernardo “Nino” Vieira (1939-2009)⁷, Luís Severino de Almeida Cabral (1931-2009), meio-irmão de Amílcar Lopes da Costa Cabral (1924-1973), foi o primeiro presidente da Guiné-Bissau (1974-1980). Apesar das muitas controvérsias do mandato de Luís Cabral, é inegável que as Belas-Artes, neste período, foram umas das prioridades do recém-nascido Governo guineense:

Da parte do Estado houve algum incentivo à cultura por parte do Presidente de então, Luís Cabral. Sim, esse homem tinha sensibilidade e nessa época havia um Estado que hoje não funciona. Isto está tão baralhado que não se vê a cultura. Falta incentivo e sensibilidade das autoridades [...] depois de Luís Cabral o setor da cultura nunca mais foi uma prioridade para os sucessivos dirigentes guineenses (DARAME, 21 set. 2018).

Entre os demais países de língua oficial portuguesa, incluindo a Região Administrativa Especial de Macau (20 de dezembro de 1999), e apesar das restrições financeiras que sempre estão a ameaçar o seu crescimento ou até a sua existência, a Cultura tem um papel de destaque, pois através desta o País ou a região (como no caso de Macau) consegue projetar interna e externamente os seus valores e as suas

⁷ Segundo Presidente da Guiné-Bissau (14 de novembro de 1980-14 de maio de 1984; 16 de maio de 1984-7 de maio de 1999; 1 de outubro de 2005-2 de março de 2009).

características. Contudo, como verbalizara, e bem, o músico guineense Zé Manel Fortes (1957-), na Guiné-Bissau é “preciso pôr a cultura na linha de frente à escala nacional e injetar dinheiro tal como se faz em Angola, Cabo-Verde e noutros países. Ninguém pode promover um país sem cultura e no caso concreto da Guiné-Bissau temos um mosaico cultural extremamente rico” (DARAME, 21 set. 2018).

AS ARTES PLÁSTICAS NA GUINÉ-BISSAU

Mû Mbanda defendeu que se pode compreender melhor a evolução dos povos através das expressões culturais.

(Braime Darame)

O comum denominador de todos os artistas plásticos da Guiné-Bissau e/ou da Diáspora guineense – aliás, partilhado pelos seus concidadãos não associados às Artes, mas sempre ligados ao País por outros vínculos – sublinha, entre outros, um agridoce sentimento de apego à terra e às raízes culturais guineenses (sejam essas de clã, tribo e/ou etnia, sejam essas de língua, religião e/ou tradição familiar).

Por outras palavras, repara-se em um sentimento comum dominado pelo desejo de que o País possa desenvolver em “todas as suas dimensões” (SANTOS, 2017), incluindo as Artes Plásticas. Como expressara Mû Mbanda, um jovem compositor, músico, “multi-instrumentista” e poeta guineense da Diáspora, podemos “compreender melhor a real dinâmica da sociedade guineense através da música tradicional composta por diferentes expressões étnicas da Guiné-Bissau” (*apud* DARAME, 7 set. 2018). O mesmo poder-se-á aplicar às artes plásticas guineenses produzidas *in situ*. Assim como na Diáspora, nomeadamente, temos de encontrar no povo e nas representações gráficas do espírito deste último a rica e diversificada dimensão da sociedade guineense.

Conceitos e eventos políticos dominam as preocupações dos artistas, pois as recorrentes crises políticas do seu amado País parecem fazer parte de um eterno “ciclo vicioso”, o qual, durante mais de quatro décadas, levou a um “atraso atroz” (SANTOS, 2017). As consequências dessas turbulências tiveram um impacto negativo no crescimento económico/sociocultural da Guiné-Bissau. Como ultrapassar esses obstáculos, então, e fazer de maneira que esta Nação se defina com dignidade no meio das demais nações do mundo, onde ideias, ideais e sentimentos de diferentes tribos e tradições sejam respeitadas, valorizadas e salvaguardadas?

Como observara, e com razão, o filósofo, jurista e historiador napolitano Giambattista Vico (1668-1744), a História e os Pensamentos Humanos a esta associados são uma repetição cíclica de eventos memoráveis (ou ilustres por razões erradas, diríamos nós) e das mentalidades dos seus protagonistas; ou seja, a História é feita de “corsi e ricorsi storici” (VICO, 1744).

No caso da Guiné-Bissau, essa História e esses Pensamentos Humanos parecem ser títeres em mãos de homens interessados mais no seu próprio bem-estar do que no desenvolvimento socioeconómico do seu próprio País, ou seja, do seu Povo. Por outras palavras, o crescimento da Nação encontra-se refém de parâmetros alheios ao progresso dos seus cidadãos. Sentimentos de poder político/económico ofuscam aqueles que deveriam ser os naturais avanços dos seres humanos através dos anos.

Como era de esperar, entre as lavras das nove Musas⁸ responsáveis pela criação artística e científica do Povo guineense, as Artes Plásticas são aquelas que mais sofrem deste desinteresse por tudo aquilo que for produzido pelo talento dos seus mestres e, conseqüentemente, as que mais sofrem desta falta de aposta na cultura visual do País. A acusação comum é a falta de interesse e, naturalmente, de apoios. Apesar de os dirigentes “gostarem”, nada é feito para incentivar a produção, a apreciação e o fomento das Artes Plásticas na Guiné-Bissau.

O PODER DAS ARTES E DOS ARTISTAS

I do think that art can change society. I don't think it's one artwork that does it, I think it's the collective effort of artists and institutions together.⁹

(Bojana Janković)

Ora, será isso devido a uma falta de interesse ou talvez ao medo do poder das Artes Plásticas, pois essas são de facto um veículo de denúncia e protesto destinado à reflexão social, o qual, em condições ideais, pode até levar à renovação e a uma eventual mudança sociopolítica e, quiçá, também económica?

Basta pensar na arte religiosa na Europa medieval (476-1492) e renascentista (meados século XIX-fim do século XVI)¹⁰ – obviamente, a propor os interesses das elites ao poder, incluindo, e mormente, a Igreja – e, mais recentemente, a nível global, no Futurismo (1909-c.1920), no Dadaísmo (c. 1916-1924), no Surrealismo (1920-c.1930), no Realismo Social (c. 1930-c.1960), no movimento Internacional Situacionista (1957-1972), na Arte conceptual (1960-1970), na Arte dos Afro-americanos (*Black Arts*: 1965 até aos nossos dias), na Arte Feminista (1971 até aos nossos dias) e na Arte a representar/comemorar a Primavera Árabe (18 de dezembro de 2010 até aos nossos dias), entre os demais movimentos artístico-literários, quando um indivíduo ou mais do que um indivíduo, conseguiu/

⁸ Ver a nota 6.

⁹ “Acredito que a arte pode mudar a sociedade. Não penso que uma obra de um artista possa fazer isto, mas, antes, julgo que seja o esforço coletivo de artistas e instituições artísticas” [tradução do autor].

¹⁰ The Renaissance: Why it Changed the World. *The Telegraph*. 6 out, 2015. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/art/london-culture/renaissance-changed-the-world/>.

conseguiram, com a sua arte, moldar sociedades, culturas e atitudes, abrindo, assim, as portas para uma mudança, por vezes drástica, a denunciar falhas e, por fim, demandando reparos e/ou, em contrapartida, a oferecer (possivelmente impor) soluções alternativas:

The capacity for the arts to change minds and create change is well documented. This can happen when a single work of art influences and affects the opinion of one individual, or even an entire generation, and when a project instigates social change in a community (ART THAT CHANGED THE WORLD).¹¹

À luz disto, perguntamo-nos se o poder da voz dos artistas plásticos guineenses, *urbi guineensis et orbi*, ou seja, quer *in situ guineensis* quer na Diáspora, poderá, em alguma maneira, causar pavor e desconforto – disfarçados de falta de interesse em promover e investir nas Artes Plásticas – assim de justificar tal indiferença perante as Artes Plásticas? Para respondermos a esta questão, convém que analisemos alguns nomes entre a miríade de criadores de arte destes últimos nove lustros sob a égide da Independência.

ARTISTAS PLÁSTICOS GUINEENSES

Art does not show people what to do, yet engaging with a good work of art can connect you to your senses, body, and mind. It can make the world *felt*. And this felt feeling may spur thinking, engagement, and even action.¹²

(Olafur Eliasson)

Comumente, os artistas guineenses, incluindo os *diaspóricos*, são divididos em dois grupos, os da antiga geração e os da nova geração. Entre os primeiros, encontramos o músico Abel de Carvalho (grande tocador de violão) e o artista plástico Augusto Fausto Rodrigues Trigo (1938-).

Entre os artistas plásticos mais jovens, enumeramos, entre os demais, Carlos Alberto Teixeira de Barros (1947-), Maria Manuela Jardim Gouveia (1949-), Luís Alberto Ferreira de Lacerda (1955-), Odete Viana (nome artístico: Aminá¹³, 1957-), João Carlos Freitas de Barros (1959-), Januário Sousa Cordeiro (pseudónimo: Lilison, 1959-), Diamantino Mendes Barbosa Monteiro (1961-), Mário da Silva (pseudónimo: Maio Coopé, 1962-), Nú Barreto (1966-), Ismael Hipólito Djata (1979-), Sidney Cerqueira (1980-), Edy Matos (1981-) e Lemos Mamadjan Hipólito Djata (1981-).

¹¹ “A capacidade das Artes de mudar as mentalidades e causar uma mudança é bem documentada. Isto pode acontecer quando uma obra de arte influencia e afeta a opinião de um indivíduo, ou até de uma inteira geração, e quando o projeto estimula mudanças sociais no seio da sua comunidade” [tradução do autor].

¹² “A Arte não nos mostra o que fazer; contudo, ao interagirmos com uma boa obra de arte, podemos entrar em contacto com os nossos sentidos, o nosso corpo e a nossa mente. A Arte pode fazer de maneira que o mundo *sinta*. Esse sentido sensorial poderá dar azo a pensamentos, interesses e até ações” [tradução do autor].

¹³ Aminá Expõe no Mosteiro da Batalha. *Negócios da Lusofonia*. 9 ago. 2016. Disponível em: <http://www.mabululu.com/index.php/articles/3/27/amin-exp-e-no-most-rio-da-batal>.

AUGUSTO FAUSTO RODRIGUES TRIGO (1938-)

Figura 6 – Augusto Trigo. *Etnias da Guiné*



Fonte: <http://novasdaguinebissau.blogspot.com/2009/09/quadros-do-pintor-guineense-augusto.html>

Augusto Fausto Rodrigues Trigo (1938-), ou simplesmente Augusto Trigo, natural de Bolama, vive em Portugal desde 1946, com inúmeros regressos e permanências, ora breves ora prolongados, na Guiné-Bissau durante mais de trinta anos, nomeadamente, entre 1946 e 1979. Possui formação em carpintaria, escultura e talha. Contudo, foi no campo da Ilustração que Trigo se destacou como artista plástico. A sua primeira obra foi um presépio em madeira “que valeu” o primeiro “prémio num concurso promovido no curso de talhe e escultura”. De regresso a Bissau, em 1958, Trigo trabalhou como desenhador cartográfico e, no seu atelier, começou a debruçar-se sobre a pintura. Em fevereiro de 1964, Trigo estreia, em Bissau, a sua primeira exposição com aquarelas e óleos com temas sobre “a sua terra natal”, facto este “que lhe abriu as portas a uma encomenda de pinturas por parte do Governo da então Província Ultramarina”. A segunda exposição de Trigo foi em 1965, na qual o artista plástico guineense expôs “um painel de grandes dimensões para o novo edifício do Centro de Informação e Turismo”. A terceira mostra de Trigo foi em Lisboa, no Palácio Foz. Estávamos no ano de 1966. Este foi o ano no qual Trigo começou a abrir as asas e, além de dedicar-se à escultura, ilustração e pintura, também se aplicou ao “ensino de Trabalhos Manuais e Desenho”, incluindo a ilustração de “manuais da 1.^a e 2.^a classe, prática que retomou mais tarde”.¹⁴

¹⁴ Informações extraídas de Augusto Trigo. *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$augusto-trigo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$augusto-trigo). Consultado em 24 set. 2018.

Após 1973/1974, Trigo brinda a nova República da Guiné-Bissau¹⁵ com seu quadro *Caminhos de Bafatá*, a ilustrar o livro de poemas *Dor e esperança*, de Vasco de Barros (2013). A imagem irá ter duas funções: enfeitar o Banco Nacional em Bissau e, grande honra, decorar uma “das faces da nota de 1000 pesos¹⁶ emitido por” esta instituição financeira.¹⁷ As suas inspirações foram as maravilhosas paisagens naturais e humanas da Guiné-Bissau.

A pintura a óleo e aguarela, “Etnias da Guiné” (Figura 6) – exposta no Ministério do Comércio da Guiné-Bissau – representa a paisagem, os animais e as gentes da Guiné-Bissau. Neste caso, a paisagem é um mero trampolim para apresentar as atividades piscatórias dos habitantes oriundos de diversas áreas e tribos da então Província Ultramarina Guiné (1951-1972).¹⁸ Homens e mulheres, juntos – todos com a sua tarefa e posição social estabelecidas e consagradas por séculos de tradições, usos e costumes – encontram-se representados com cores vivas a dar, simultaneamente, dinâmica e firmeza às suas ações, expressões e sensações. A bandeira portuguesa, colocada quase no centro da pintura, é uma indicação de que estamos em território português Além-mar. Contudo, o facto de esta se encontrar nas mãos de uma mulher “da terra” com um traje local, o pano de pente, é um sinal importante, pois é uma indicação de que, apesar da dominação portuguesa, a sociedade continua imperturbada nas suas atividades hodiernas pré-contacto europeu. As vestimentas são, assim, conforme Darame (7 set. 2018),

[...] uma linguagem, [é] a arte de vestir[-se]. Para mim é algo tão nobre ao ponto de não me sentir bem sem usar pano de pente. Dentro da nossa diversidade cultural é um vínculo que continua a unir toda a sociedade guineense. Todas as culturas usam pano de pente nalgum momento importante da vida. Nascemos embrulhados no pano de pente e somos a enterrados envoltos nesse pano. É algo que transcende qualquer bem material.

Interessante a presença de representantes de tribos islâmicas ou islamizadas, pois o Islão sempre teve um papel proeminente na África Ocidental. Oriundo do Magrebe, o Islão chegou por vias terrestres, através das caravanas comerciais que ligavam as cidades portuárias magrebina a centros económicos sarianos de grande importância como Tombuctu (Timbuktu), no Mali, por exemplo. Contudo, naquilo que mais tarde irá ser a Guiné-Bissau, só a nobreza local e a burguesia a esta associada abraçaram o Islão com firmeza. O resto, dava sinais de ser meramente islamizada, mostrando características mistas entre tradições religiosas pré-contactos islâmicos e o Islão normativo (sunita). A obra de Trigo mostra, de facto, isto: um Islão adaptado aos usos e costumes locais. O movimento das águas, as duas cores da areia, a pouca (porém, ao mesmo tempo, muito viva) vegetação, as redes, os instrumentos musicais e os objetos

¹⁵ Apesar de a Guiné-Bissau ter declarado a Independência a 24 de setembro de 1973, só a 10 de setembro de 1974 essa foi reconhecida por Portugal.

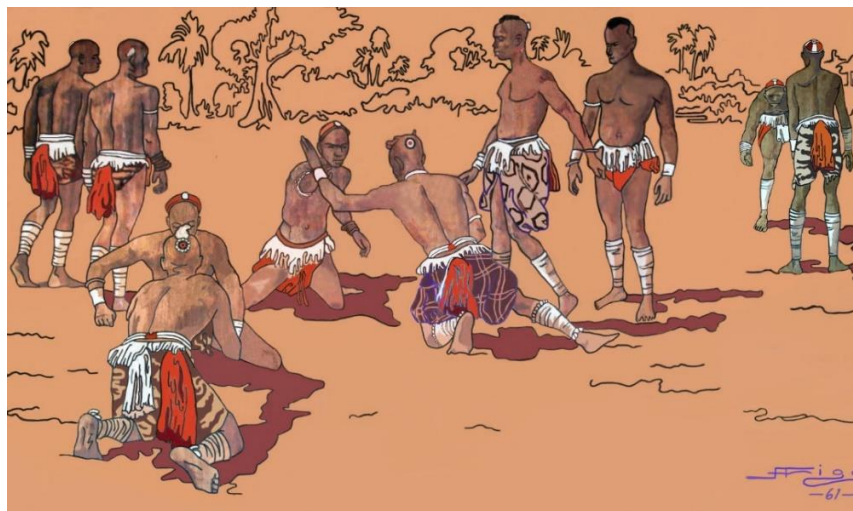
¹⁶ O peso foi a moeda oficial da Guiné-Bissau entre 1975 e 1997, ano em que foi substituído pelo Franco CFA (Comunidade Financeira de África), pois neste ano a Guiné-Bissau aderiu à *Union Économique et Monétaire Ouest Africaine* (União Monetária dos Estados da África Ocidental).

¹⁷ Augusto Trigo. *Artigos de apoio Infopédia...*

¹⁸ Em 1972, a Província Ultramarina da Guiné foi elevada para Estado da Guiné (1972-1973/1974).

do dia a dia encapsulam a mensagem do autor: representar uma Guiné vigorosa, orgulhosa e independente, onde todos contribuem para o seu sustento.

Figura 7 – Augusto Trigo. *Luta felupe*



Fonte: *Luís Graça & Camaradas da Guiné*. Disponível em: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2007/10/guin-6374-p2177-artistas-da-guin.html>.

A pintura intitulada *Luta felupe* (Figura 7), assinada por Trigo em 1961 e hoje hospedada “em um ex restaurante/café, em Varela” (famosa pelas suas lindas praias a quase 50 km ao oeste de São Domingos, na costa da Guiné-Bissau, não longe da fronteira com o Senegal), oferece-nos um retrato do grupo étnico dos Felupes, um sub-grupo dos Diolas (Jolas) geralmente dedicado não só à pesca, mas também ao cultivo do arroz, da batata-doce e da mandioca. Os Felupes habitam a área entre o Rio Casamansa e o Rio Cacheu.¹⁹ Se compararmos a *Luta felupe* do nosso autor guineense com as representações antropológicas de autores coloniais, portugueses assim como franceses, podemos observar a semelhança em alguns dos trajes (as tangas de pano de pente e os laços a enfeitar as pernas).

Contudo, a pintura de Trigo transforma a informação meramente antropológica em uma mensagem de força e ação. Os lutadores felupes – três duplas a praticarem a luta e duas duplas representadas de pé, uma a andar e uma parada, como se os lutadores fossem estátuas de guerreiros da antiguidade greco-romana – parecem sair da tela com os seus pulos e as suas técnicas ancestrais devidamente estudadas e ritmadas. Interessante o contraste das cores vivas dos corpos e das indumentas dos lutadores, enquanto o resto da tela é pintado com uma cor similar à terracota, óbvia invocação de uma certa paisagem guineense, seca e árida. Não é por acaso, de facto, que as árvores e os arbustos no pano de fundo se encontram debruçados muito levemente, para induzir os observadores a concentrarem-se mais nas personagens do que no resto da apresentação cénica e no seu espaço geográfico.

¹⁹ Ver: Cunha (1950); Brosselard-Faidherbe (1898); Sagna (1949); Silva (1983); Simões (1935); Valdez (1861).

Figura 8 – Imagem de *Les Floups*



Fonte: *Luis Graça & Camaradas da Guiné*. Disponível em:
<https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2007/10/guin-6374-p2177-artistas-da-guin.html>.

Figura 9 – Augusto Trigo. Imagem que ilustra uma das faces da nota de 1000 Pesos (Guiné-Bissau)



Fonte: *Homenagem ao Nosso Génio Pintor, Augusto Trigo*. Disponível em:
<http://www.didinho.org/Arquivo/HOMENAGEMAONOSSOGENIOPINTORAUGUSTOTRIGO.htm>.

Como mencionado supra, depois da Independência, Trigo concebeu o painel “Caminhos de Bafatá”, hoje encontrado na Sala de Reuniões do Banque Centrale des États de l’Afrique de l’Ouest (BCAO) – em inglês, Central Bank of Western African States e, em português, Banco Central dos Estados da África Ocidental –, um banco internacional presente em oito países da África Ocidental,

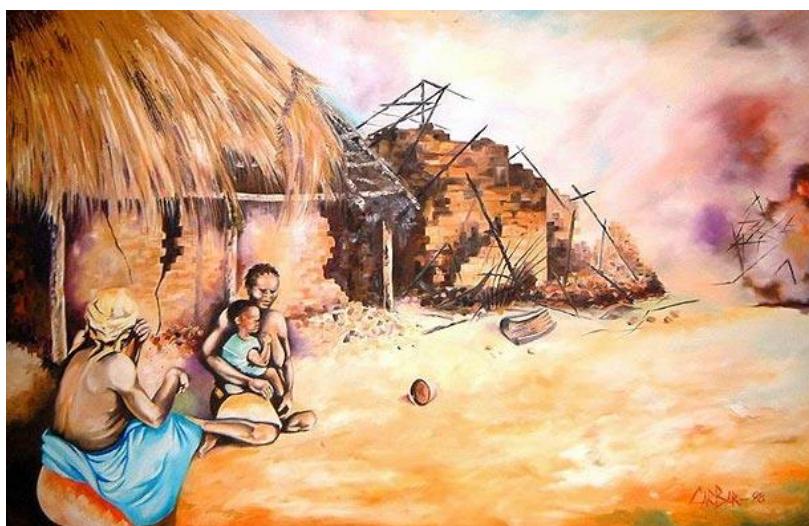
nomeadamente, o Benim, o Burkina-Faso, a Guiné-Bissau, a Costa do Marfim, o Mali, o Níger, o Senegal e o Togo.

Também neste quadro, as cores vivas, a Natureza (desta vez representada um pouco mais poderosa respeito às “Etnias da Guiné”, basta observar o cavalo corajoso, cúmplice das «gestas» dos rebeldes, e a vegetação um pouco mais proeminente e simbólica, quase sorumbática), os detalhes das ações e dos sentimentos do povo guineense, incluindo a sua seminudez e nudez completa, dão valor ímpar à imagética central: a vitória, a independência e o orgulho nacional de uma jovem república africana. A tocha acesa, os panos (a representar a futura bandeira), as armas (tradicionais e ocidentais) e os víveres dão um valor muito simbólico e extremamente patriótico a toda a representação.

Desde 1979, ano do seu regresso definitivo a Portugal, Trigo dedica-se a uma nova musa artística – nomeadamente, a banda desenhada – que nunca mais abandonará. Serão quase quarenta anos de trabalho dedicados à ilustração de inúmeras obras, mais de trezentas de lazer (como álbuns, jornais e revistas), assim como pedagógicas, como no caso de manuais escolares e livros educativos, nacionais e estrangeiros – entre os demais destacam-se: *Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto (1499-1583); *A Cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stone (1811-1896); *O Conde de Monte Cristo* (1844), de Alexandre Dumas (1802-1870); *O Corsário Negro* (1898), de Emilio Salgari (1862-1911); *A Ilha do Tesouro* (1883), de Robert Louis Stevenson (1850-1894); e *Sandokan* (1883), de Emilio Salgari (1862-1911), incluindo a Bíblia.²⁰

CARLOS ALBERTO TEIXEIRA DE BARROS (1947-)

Figura 10 – CarBar. [Sem título]



Fonte: Carlos Alberto Teixeira de Barros. *Art Africa*.
Disponível em: <http://artafrica.letras.ulisboa.pt/en/artist/126.html>

²⁰ Augusto Trigo. *Artigos de apoio Infopédia...*

Coreógrafo, antigo escultor, tecelão e produtor de baticos, Carlos Alberto Teixeira de Barros (1947-), ou, como nos brinda nas telas, simples e astutamente CarBar, vive e trabalha em Bissau. De facto, é mesmo em Bissau que Carlos Barros consegue receber inspiração para as suas obras, tudo composto por “inspirações momentâneas, silêncios e barulhos de crianças a brincar, do mar e do quotidiano guineense”.²¹

Figura 11 – Fotografia de Carlos Barros com quadro de sua autoria ao fundo



Fonte: *Rádio Jovem*. Disponível em: <https://www.radiojovem.info/guine-bissau-crise-aos-olhos-dos-artistas/>.

Nos anos 80 do século XX, Carlos Barros assumiu as funções de Diretor Geral de Artesanato, cargo ao qual retomou em 2004. Contudo, a grande mudança sucedeu em 2006, ano em que começou a ser “pintor a tempo inteiro”. Por ter ficado em Bissau, sua terra natural, e por ter sempre lutado em prol das Artes Plásticas, Carlos Barros conseguiu forjar um espaço completamente seu, onde “falar e conviver com as pessoas” ajudam-no “a continuar a” debater-se “na arte”. Por outras palavras, apesar de ter vivido algum tempo no estrangeiro, Carlos Barros fez questão de voltar à Guiné-Bissau, pois só no seu país natal consegue produzir obras que refletem os seus sentimentos e a sua mensagem. As suas pinturas – acrílicos, aguarelas e óleos – são, de facto, o retrato do dia a dia, do movimento físico e psíquico dos seus conterrâneos. Isto faz de maneira que, como aliás acontece a muitos artistas, o artista sinta uma relação muito forte com as suas obras. Se não contarmos os estrangeiros que adquiriram os seus quadros, hoje em dia quase exclusivamente pela Internet, os poucos guineenses que têm a dita de ter um dos trabalhos de Carbar ficam sempre em contacto com o artista plástico guineense, pois, desta maneira, o nosso autor “não lhes perde o rasto”.²²

²¹ A arte de viver da arte na Guiné-Bissau. *Sol*. 27 de novembro de 2012. Disponível em: <https://sol.sapo/artigo/63685/a-arte-de-viver-da-arte-na-guine-bissau/>.

²² Cf. A arte de viver da arte na Guiné-Bissau. Ver, também, Reecontro pintura e desenho de Carbar e Coopé. *Interculturalidade*. Disponível em: <https://interculturalidade.wordpress.com/2010/08/16/reecontro-pintura-e-desenho-de-carbar-e-maio-coope/>.

Figura 12 – Carbar. [Sem título]



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.letras.ulisboa.pt/en/artist/126.html>.

Carlos Barros é conhecido em muitos países pela sua arte. Além da sua terra natal, as suas telas viram a luz em galerias no Canadá, no Burkina-Faso, em Espanha, França, Portugal, na Guiné-Bissau, na Rússia e no Togo. Na Guiné-Bissau, Carlos Barros é vice-presidente de TAGARA – Arte e Cultura, uma ONG guineense.²³

Ciente do facto de ser extremamente difícil viver de arte na Guiné-Bissau, Carlos Barros – um “dos poucos” ou, “se calhar, o único a viver de arte na Guiné-Bissau” – faz questão de incentivar as artes plásticas e fazer de maneira que os jovens artistas guineenses, sobretudo os “artistas plásticos”, tenham sucesso na Guiné-Bissau assim como no estrangeiro.²⁴

Contudo, como o nosso artista afirmara em uma entrevista, ele também é ciente de que “é difícil viver como artista plástico na Guiné-Bissau, porque [os artistas] ganham pouco com os seus trabalhos”. De facto, acrescenta que, “apesar de ter pintado mais de mil quadros durante a sua carreira artística, ganha mais com a sua própria profissão, vendendo plantas e projetos de casas, esculturas e traduções linguísticas”, do que da venda das suas pinturas.²⁵

²³ Reencontro, pintura e desenho de Carbar...

²⁴ A arte de viver da arte na Guiné-Bissau...

²⁵ Cultura. Artista plástico acusa autoridades guineenses de não dar atenção à Arte. *Conosaba.blogspot.pt*. 2 fev. 2017. Disponível em: <http://conosaba.blogspot.com/2017/02/cultura-artista-plastico-acusa.html>.

Uma sua pintura a retratar um ancião é a que mais inspira CarBar, pois é como se fosse o seu legado artístico à “geração vindoura”, a lembrar-lhe de pensar no seu próprio País e a desejar-lhe sucesso.²⁶

Figura 13 – Pintura de Carlos Barros. [s. d.]



Fonte: Cultura. Artista plástico acusa autoridades guineenses de não dar atenção à Arte. *Conosaba.blogspot.pt*. 2 fev. 2017. Disponível em: <http://conosaba.blogspot.com/2017/02/cultura-artista-plastico-acusa.html>.

MARIA MANUELA JARDIM GOUVEIA (1949-)

Representada em coleções públicas (Amadora, Aveiro, Beja, Funchal, Lisboa, Macau, Oeiras, Palmela, Ponta Delgada, São Tomé e Príncipe, Sintra e Vigo) e privadas (Alemanha, Brasil, Espanha, França, Guiné-Bissau e Portugal), Maria Manuela Jardim Gouveia (1949-), ou simplesmente Manuela Jardim, é uma escultora e pintora guineense de grande renome. Com exposições individuais e coletivas a cobrir não só Portugal, mas também a África do Sul (2006), Barcelona (1995), Basileia (2018), Bruxelas (1992), Londres (2018), Macau (2012), São Tomé e Príncipe (2008, 2016) e Paris (2013), Manuela Jardim, natural de Bolama, usa materiais plásticos reciclados para dar-lhes uma “vivência estética e contemporânea”.²⁷

O que caracteriza a obra de Manuela Jardim é esse interesse pelos objetos que nos rodeiam - e em casa e fora de casa – os quais, uma vez manipulados, oferecem múltiplas mensagens, a todos os níveis. Comum denominador parece ser o facto de – como as partículas que constituem esses objetos foram uma vez “consumidas” – também a nova arte forjada por essa artista plástica está a ser consumida pelos indivíduos e pela sociedade:

²⁶ Cultura. Artista Plástico Acusa Autoridades...

²⁷ www.manuelajardim.com. Disponível em:

http://www.manuelajardim.com/index_htm_files/Biografia%20e%20Conceito%20do%20Trabalho%20CV.pdf.

Os objectos do quotidiano, foram criados para responder a uma necessidade, e para serem manipulados de acordo com a sua forma, função, valor estético, simbólico e cultural. Caracterizam-se por pertencer a uma família de objectos idênticos, e são consumidos tal como a arte é consumida pela sociedade e pelo indivíduo. Panos, módulos, construções, colagens ou simplesmente objectos, é o que define os trabalhos de Manuela Jardim.²⁸

Figura 14 – Manuela Jardim. *Batuque*. Escultura, 70 x 71 x 55 cm, 1975



Fonte: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/86.html>

Figura 15 – Manuela Jardim. Escultura. Acrílico sobre papel reciclado, 45 x 45 x 145.



Fonte: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/86.html>

²⁸ Cf. http://www.manuelajardim.com/index_htm_files/Biografia%20e%20Conceito%20do%20Trabalho%20CV.pdf. Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico de 1973.

Figura 16 – Manuela Jardim. Módulo em papel reciclado.



Fonte: *Art Africa*. <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/86.html>

Sem sombra de dúvida, as origens guineenses de Manuela Jardim deixaram um marco muito profundo na formulação do seu pensamento, o qual, através do processo criativo, se transforma em uma “teia de signos visuais criada por linhas que se cruzam e divergem, as cores (azul mar, ocre-terra, preto e branco), e a organização em bandas ou módulos”.²⁹

²⁹ Cf. http://www.manuelajardim.com/index_htm_files/Biografia%20e%20Conceito%20do%20Trabalho%20CV.pdf.

Figura 17 – Manuela Jardim. *Panos d’Obra*. Acrílico sobre papel reciclado, 2005.



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/86.html>

Como podemos ver, as esculturas e as pinturas de Manuela Jardim usam como ponto de partida momentos ancestrais da Guiné-Bissau. E é através destes momentos particulares da história de um povo, do seu povo, que conseguimos desvendar outros mundos, onde a realidade e o sonho, o passado pré-contacto europeu e o passado pós-contacto europeu se cruzam para dar à luz a uma nova realidade: o mito. Manuela Jardim apresenta-nos este mito em diversas formas e diferentes chaves:

Encontramos sucessivamente na sua obra, a incorporação do tempo mítico no tempo real, pela conjugação do onírico com o exótico, propondo-nos pistas para compreendermos comportamentos derivados da sua ascendência genética, símbolo de uma mestiçagem profundamente enraizada.³⁰

³⁰ http://www.manuelajardim.com/index_htm_files/Biografia%20e%20Conceito%20do%20Trabalho%20CV.pdf.

Figura 18 – Manuela Jardim. *Diálogo de Máscaras*. Óleo s/tela, 100 x 70 cm, 1986.



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/86.html>

LUÍS ALBERTO FERREIRA DE LACERDA (1955-)

Natural de Bolama, Luís Alberto Ferreira de Lacerda (1955-) é conhecido internacionalmente pelas suas pinturas concentradas na sua terra natal. A obra *Bissau ou Sem Título*, aqui apresentada na Figura 19, brilha na sua excelente apresentação da capital guineense, onde cores fortes e detalhes topográficos invulgares conduzem os observadores por ruas e ruelas repletas de edifícios públicos e particulares, assim como mercados e lugares de adoração.

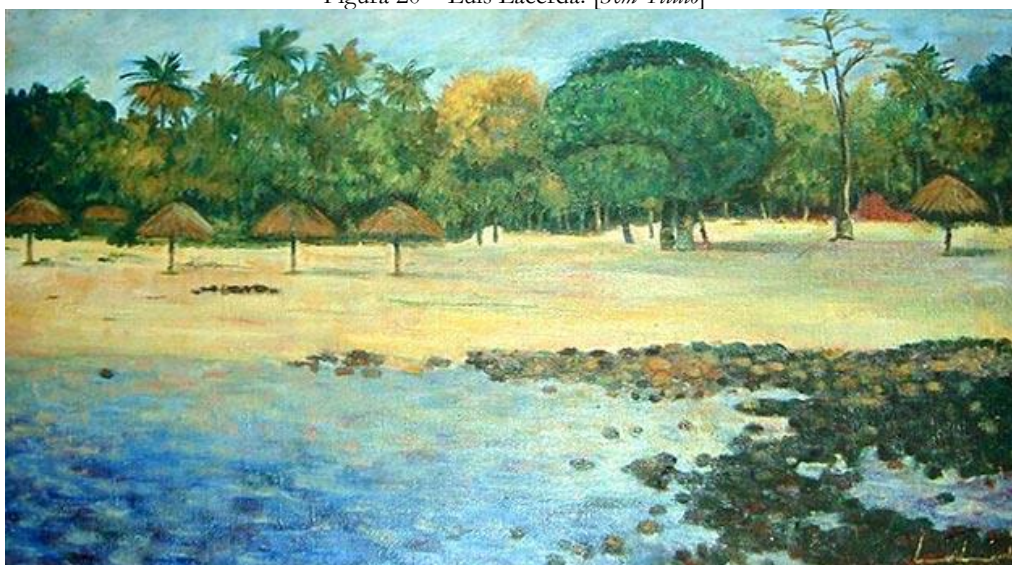
Figura 19 – Luís Lacerda [*Sem Título (Bissau)*].



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/135.html>

Duas outras obras de Luis Lacerda estão aqui incluídas, ambas *sem título*. Assim como *Bissau*, parecem dar as boas-vindas ao forasteiro. A primeira, oferece-nos uma paisagem litoral, com árvores, areia e um mar calmo com algumas pedras a fazer de ponte com a areia. As cores são calmas e relaxantes – verde-escuro, verde-claro, azul-claro e azul-escuro, bege e castanho (a famosa lama de mar guineense). A segunda, ao invés, parece ser um convite para dar um passeio por uma larga vereda entre flores, pequenos arbustos e árvores. Quiçá, no horizonte possamos encontrar uma praia ou até uma linda aldeia.

Figura 20 – Luís Lacerda. [*Sem Título*]



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/135.html>

Figura 21 - Luís Lacerda. [*Sem Título*].



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/135.html>.

JOÃO CARLOS FREITAS DE BARROS (1959-)

Figura 22 – Pintura de João Carlos Barros. [s. d.]



Fonte: João Carlos. Artistas da CPLP unidos contra a fome. *DW*, 12 set. 2017.
Disponível em: <https://www.dw.com/overlay/media/pt-002/artistas-da-cplp-unidos-contra-a-fome/40408005/46755583>.

“Este quadro do guineense João Carlos Barros é mais um grão no esforço para angariar mais recursos financeiros para apoiar outros países”.³¹

JANUÁRIO SOUSA CORDEIRO (PSEUDÓNIMO: LILISON, 1959-)

Natural de Bolama, Lilison, pseudónimo de Januário Sousa Cordeiro (1959-), é um escultor, pintor e músico guineense a viver há mais de trinta anos no Canadá. As suas obras fazem parte de coleções públicas e privadas em muitas partes do globo. Nas suas esculturas e pinturas, Januário Sousa Cordeiro costuma usar ingredientes naturais para criar colas e pigmentos, contribuindo assim ao bem-estar do meio ambiente:

Se eu quiser produzir a tinta, procuro o «Faráh», árvore típica guineense, para conseguir uma cor particularmente nossa, ou lama de mar, ou um ferro velho produzir uma outra cor diferente, para a pintura. [reciclo] as folhas de papel abandonadas para dar outra vida à minha pintura, em termos de cor.³²

Além disso, Januário Sousa Cordeiro também usa “águas de calabaceira e farinha de trigo”, assim como “ovo, casca de batatas ou até o próprio arroz (produto base de alimentação nacional)” para criar “máscaras carnavalescas da Guiné”.³³ Assim como os seus compatriotas, a viverem na Guiné-Bissau ou em terras *diaspóricas*, também Januário Sousa Cordeiro é muito crítico da situação política guineense, sobretudo quanto à possibilidade de os artistas viverem da sua profissão em um país com muitos problemas financeiros e políticos, estes últimos coadjuvados pela corrupção a dificultarem o crescimento das Belas-Artes e a autonomia dos artistas.

Figura 23 – Lilison. *Amores*. Pintura com tinta da china, 30x40 cm, 2001.

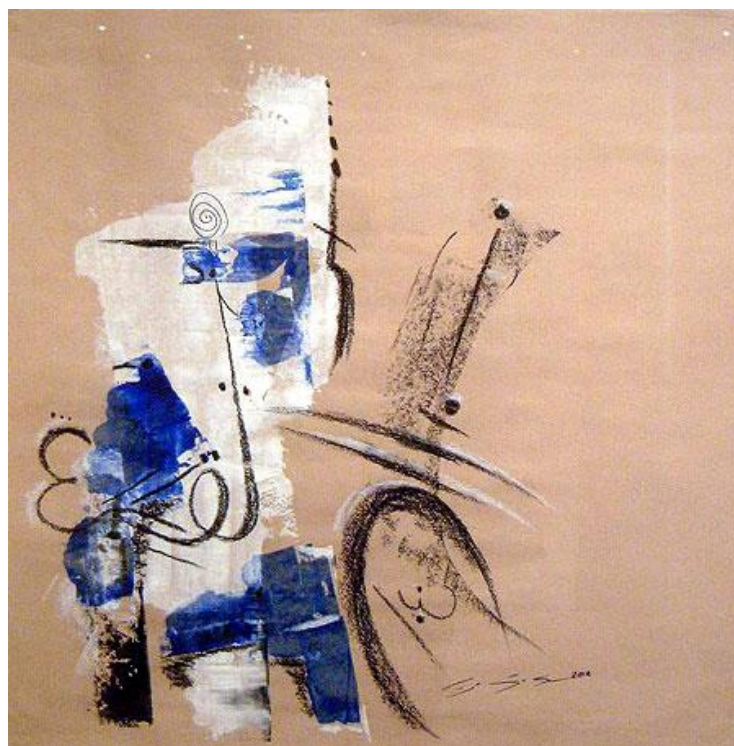


Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.letras.ulisboa.pt/en/artist/83.html>.

³¹ João Carlos. Artistas da CPLP unidos contra a fome...

³² Artista “Lilison” em Bissau para “apoiar” desenvolvimento da cultura guineense. Disponível em: <http://www.faapa.info/blog/artista-lilison-em-bissau-para-apoiar-desenvolvimento-da-cultura-guineense>.

³³ Cf. Artista “Lilison” em Bissau para “apoiar” desenvolvimento da cultura guineense...

Figura 24 – Lilison *Abós Di Terra*. 60x60 cm.

Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/83.html>

Figura 25 – Lilison. *Nona Pidi Terra*. 60x60

Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/83.html>.

As três pinturas acima reproduzidas são um exemplo da arte abstrata de Januário Sousa Cordeiro. A primeira das três, *Amores*, faz-nos lembrar do estilo da artista plástica brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973), uma das exponentes mais famosas do Modernismo Brasileiro (1922). Por sua vez, Tarsila do Amaral foi influenciada pelo Cubismo, pelo Futurismo e pelo Expressionismo europeus do início do século XX, aquando da sua estadia em Paris na *Académie Julian* (1920-1922) e, um ano mais tarde, em 1923, aquando dos seus estágios nos ateliers de André Lhote (1885-1962), Fernand Léger (1881-1955) e Albert Gleizes (1881-1953), respetivamente exponentes do Cubismo, Futurismo e Expressionismo.

De facto, se observarmos a obra mais afamada desta artista paulistana, o *Abaporu* (1928), quadro que inspirou Oswald de Andrade (1890-1954) a escrever o *Manifesto Antropófago* (1928) e, logo depois, a criar o *Movimento Antropofágico* (1928), são inegáveis as semelhanças e as alusões aos movimentos dos corpos alongados encontradas em *Amores*.

Figura 26 – Tarsila de Amaral *Abaporu*. Óleo sobre tela, 1928.



Fonte: Significado de Abaporu de Tarsila do Amaral?. *Cultura Genial*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/abaporu>

Obviamente os contextos são diferentes, assim como as mensagens. Também a escolha de cores é diferente, pois o nosso autor guineense optou por não colorir a tela com cores vivas, mas antes, serviu-se da tinta da China.

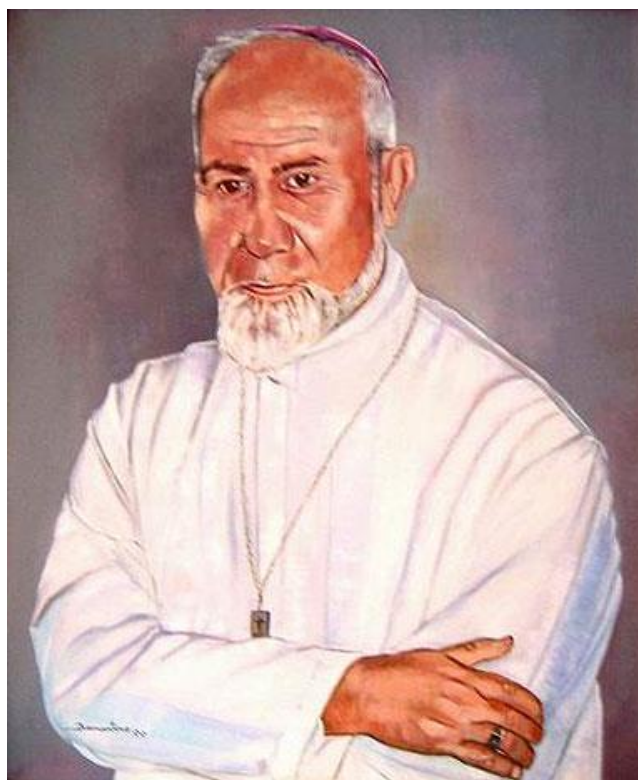
DIAMANTINO MENDES BARBOSA MONTEIRO (1961-)

Natural de Bissau, Diamantino Mendes Barbosa Monteiro (1961-), ao invés, debruça-se em arte de cariz religioso, porém sempre pondo ênfase na sua origem guineense.

A primeira obra aqui reproduzida apresenta-nos um homem religioso. Visíveis são só a cabeça e a mão direita. O vulto e a expressão pensativa do prelado fazem-nos pensar nos anos de trabalho deste religioso, da sua dedicação ao povo guineense. As rugas na testa são testemunhas deste seu afinco, não obstante os inúmeros obstáculos que possa ter encontrado ao longo da sua carreira junto da população que serviu fielmente.

A segunda peça, apresentada na sequência, é um crucifixo ligado a um suporte. Toda construída em madeira, esta obra de arte pode muito bem servir de objeto sagrado em uma igreja católica assim como pode ser uma peça artística colecionada por particulares ou exposta em uma galeria de arte (religiosa ou não). O que é fascinante, apesar da nossa perfilhação religiosa, é o desenho. O crucifixo e o suporte ostentam símbolos e imagens tipicamente guineenses.

Figura 27 – Diamantino Monteiro. [Sem Título]



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrika.lettras.ulisboa.pt/en/artist/132.html>.

Figura 28 – Diamantino Monteiro. [*Sem Título*]



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrika.lettras.ulisboa.pt/en/artist/132.html>.

MÁRIO DA SILVA [MAIO COOPÉ] (1962-)

A pintar “desde sempre”, Maio Coopé, nome artístico de Mário da Silva (1962-), é um artista plástico guineense que também explora a Arquitetura, o Cinema, a Dança e o Desenho. A escolha do seu pseudónimo é uma alusão ao facto de ele, *illo tempore*, ter estado ligado à “comunidade de cooperantes europeus em Bissau”.³⁴

³⁴ Cf. Recontro Pintura e Desenho de Carbar e Coopé. *Interculturalidade*. Disponível em: <https://interculturalidade.wordpress.com/2010/08/16/recontro-pintura-e-desenho-de-carbar-e-maio-coope/>.

A residir em Portugal há mais de uma década, Maio Coopé teve mostras de artes não só no seu país de acolhimento, mas também no Burkina-Faso, no Mali e no Senegal. As duas obras aqui reproduzidas são uma amostra de como Maio Coopé consegue desposar cores e mitologia para oferecer ao público movimento como se fosse uma leve viagem onírica pelo passado da Guiné-Bissau. Reparar nos detalhes dos instrumentos musicais típicos guineenses (a kóra, a flauta e o balafón).

Figura 29 – Maio Coopé. [Sem Título]. Técnica mista sobre papel.



Fonte: *Art Africa*. <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/273.html>

Figura 30 – Maio Coopé. [Sem Título]. Técnica mista sobre papel



Fonte: *Art Africa*. Disponível em: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/273.html>.

NÚ BARRETO (1966-)

Natural de São Domingos, Cacheu, Nú Barreto (1966-) vive em Paris desde 1989, onde estudou Fotografia e, mais tarde, frequentou a *École Nationale de l'Image Les Gobelins*. Os seus interesses pela fotografia levaram-no a explorar outros meios artísticos – neste caso, a pintura, colagem e objetos encontrados³⁵ nas ruas, entre outros – para expressar os seus sentimentos mais urgentes quanto às iniquidades sociais, sobretudo no que diz respeito aos africanos e afro-descendentes na Diáspora. Como dissera em uma entrevista, “Design should be used as a tool to improve lives and harmonise situations”, ou seja, o desenho deveria ser usado como um instrumento para melhorar as vidas harmonizar situações [de vida] (BANYA, 2018).

Poder-se-á dizer que Nú Barreto é o artista guineense *diaspórico* mais prolífero e a abranger diferentes tipos de expressões artísticas. Sempre usando como trampolim Paris, Nú Barreto conseguiu mostrar as suas obras não só no seu país de acolhimento, mas também em Berlim, no Brasil, no Luxemburgo, em Macau, nos Estados Unidos, em Portugal (Lisboa e Porto) e no Senegal.

Figura 31 – Nú Barreto. *Solitude (2)*. 2019.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/nu-barreto-solitude2>

³⁵ Em português é também comum usar a expressão inglesa “ready-made” (obra já feita), neologismo criado por Henri-Robert Marcel Duchamp (1887-1968). O escopo da “arte encontrada”, do francês *objet trouvé* (objeto encontrado), é elevar um objeto comum, não artístico, à categoria de obra de arte. Pois apropriar-se de um objeto encontrado é dar-lhe, *ex novo*, valores diferentes dos que originalmente tinham.

Figura 32 – Nú Barreto. *Esprit haut tête haute* (Espírito Alto, Cabeça Erguida). 2016.



Fonte: <https://www.designindaba.com/sites/default/files/styles/scaledlarge/public/node/news/23819/gallery/5-esprit-haut-tete-haute2016-technique-mixte-sur-toile-marouflee110-x110-cm600x428.jpg?itok=P-6Tz1BD>.

Como mencionado supra, Barreto é um artista com um grande interesse em representar as condições socioeconômicas, não só do povo guineense mas também do resto do continente africano. Entre as temáticas mais urgentes encontra-se o dilema da extrema pobreza de muitos países africanos (Cf. TARBOX, 2021).

Figura 33 – Nú Barreto. *Breath* (Sopro). 2020.



Fonte: Galerie Nathalie Obadia. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial1-54-paris-draws-art-lovers-in-person-showcase-african-contemporary-art>.

Em 2009, usando como trampolim *American Flag* (Bandeira Americana, 1954-1955) do artista plástico norte-americano Jasper Johns, Jr. (1930-)³⁶, Nú Barreto explorou o tema da bandeira dos Estados Unidos transformando o símbolo da nação norte-americana em algo de poderoso, porém pesaroso, nomeadamente, os *États Désunis d'Afrique*, ou seja, os Estados Desunidos de África. As cores desta bandeira (preto, verde e vermelho) fazem de pano de fundo para as cinquenta e quatro estrelas colocadas aleatoriamente para de facto referir-se à desunião dos países africanos.³⁷

Figura 34 – Nú Barreto. *Dépitée ou États Désunis d'Afrique* (Incomodado ou Estados Unidos de África). 2018.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/nu-barreto-depitee-etats-desunis-dafrique>

A desunião dos cinquenta e quatro países africanos é motivo de reflexão nas nove pinturas dedicadas a este tema. Outra influência, ou inspiração, foi a *African-American Flag* (Bandeira Afro-Americana, de 1990, do artista plástico afro-americano David Hammons (1943-), que propõe uma bandeira americana preta, vermelha e verde, a recordar as cores da bandeira da organização Pan-africana e da bandeira da Universal Negro Improvement Association and African Communities League (UNIA), em português Associação para Melhorar o Negro Universalmente e a Associação das Comunidades Africanas. Nú Barreto, “[b]y appropriating the color palette of the UNIA (Universal Negro Improvement Association) flag, he suggested a hybrid reinterpretation of it. Hammon’s historic flag would inform the political dimension of Barreto’s work”.³⁸

³⁶ Jasper Johns é um dos expoentes mais importantes da *Pop Art*. Entre as suas mais famosas obras destaca-se *Three Flags* (*Três Bandeiras*, 1958) - uma pintura a representar a bandeira dos Estados Unidos, com 48 Estados - composta por três telas sobrepostas; contudo, a segunda tela e a terceira tela são 25% mais pequenas, respetivamente, para dar o efeito tridimensional.

³⁷ Nú Barreto: *Africa: Renversante, renversée*. *GalleriesNow*. Disponível em: <https://www.galleriesnow.net/shows/nu-barreto-africa-renversante-renversee/>.

³⁸ “Ao apropriar-se das cores da paleta da bandeira da UNIA (Associação para Melhorar o Negro Universalmente), Nú Barreto sugeriu uma reinterpretação híbrida desta última. A bandeira histórica de Hammons influenciará a dimensão política de Barreto” (Nú Barreto: *Africa: Renversante, renversée*... Tradução do autor).

Figura 35 – Nú Barreto. *Éventrée (Desventrado)*. 2018.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/nu-barreto-eventree>

Na exposição “Lumières d’Afrique” (novembro de 2015) cinquenta e quatro artistas plásticos africanos, incluindo fotógrafos e repórteres, apresentaram obras “sob o lema Direito ao Acesso à Energia”. Nesta mostra Nú Barreto, deu “conta da importância desta temática que é a preocupação comum nos 54 países africanos”.³⁹

Tema recorrente nas obras de Nú Barreto é a imagem do seu “alter ego” ou “avatar”, ou seja, a representação de um ser humano confuso, óbvia representação da dor e da frustração do autor perante a situação humanitária/económica do seu país.⁴⁰

Figura 36 – Nú Barreto. *Impasse*. 2019.



Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/nu-barreto-impasse>

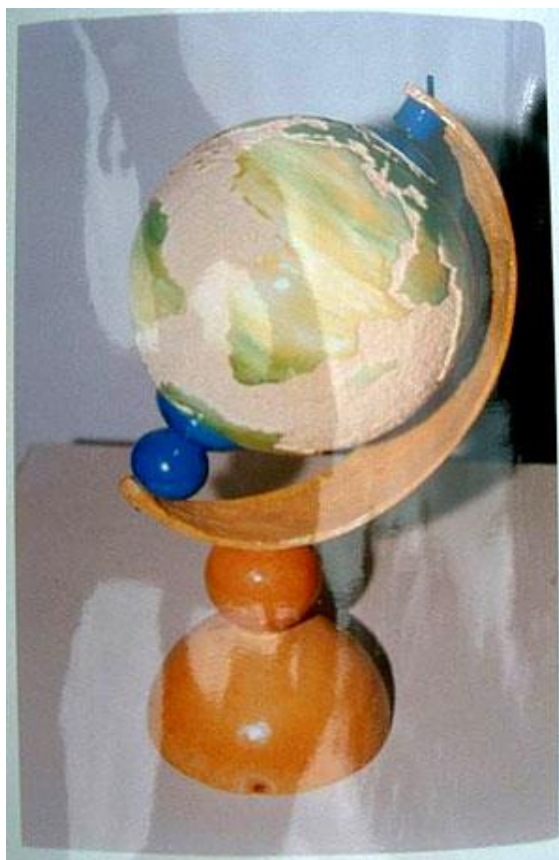
³⁹ Lumières d’Afrique: 54 artistas africanos expõem em Paris, Disponível em: <http://pt.rfi.fr/guine-bissau/20151104-lumieres-dafriques-com54-artistas-africanos..>

⁴⁰ Nu Barreto. Bissau-Guinean, b. 1966”. *Artsy.net.*. Disponível em: <https://www.artsy.net/artist/nu-barreto>.

ISMAEL HIPÓLITO DJATA (1979-)

Natural de Bissau, Ismael Hipólito Djata (1979-) é artista plástico mas, também, escritor, escultor e ilustrador. Recebeu uma Licenciatura em Tecnologia e Sistemas de Informação pela Universidade do Minho. As suas obras viram a luz em galerias de arte na Bélgica e na Guiné-Bissau, em Cabo Verde, Espanha, França, Portugal, no Egito e no Senegal.

Figura 37 – Ismael Hipólito Djata. [Sem Título]



Fonte: <http://artafrica.letras.ulisboa.pt/en/artist/133.html>

As esculturas e as pinturas de Djata concentram-se no microcosmo guineense, onde o bem-estar do seu povo está a ser posto em causa por burocratas corruptos e interesseiros, só interessados no seu próprio bem-estar: “Estamos a viver num país onde os nossos jovens não têm valor, as crianças não têm futuro, onde o futuro do povo está empenhado pelos políticos abutres”.⁴¹

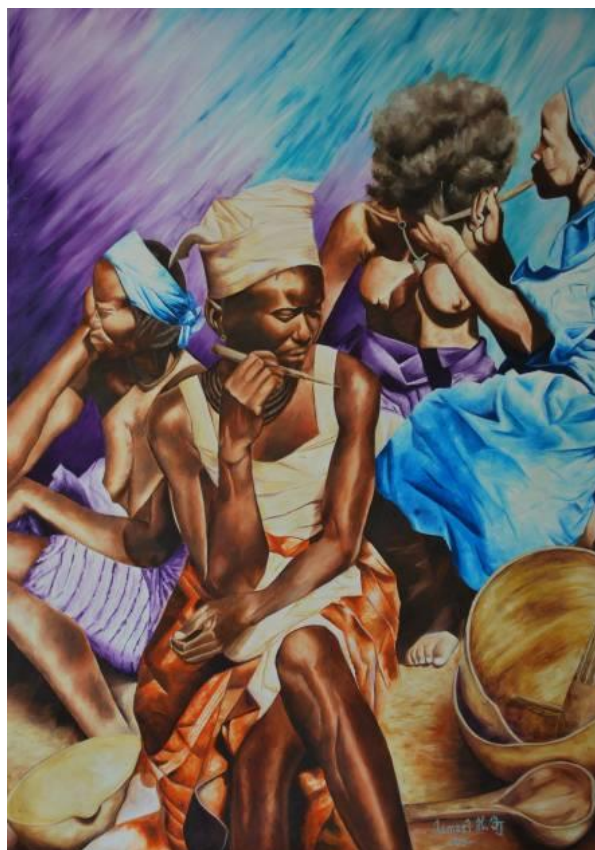
⁴¹ Outras caras. *Erasmus Language Café in Guimarães and Braga..* Disponível em: <https://erasmuslanguagecafe.wordpress.com/tag/ismael-hipolito-djata/>.

Figura 38 – Ismael Hipólito Djata. [*Sem Título*]



Fonte: <http://artafrika.lettras.ulisboa.pt/en/artist/133.html>

Figura 39 - Ismael Hipólito Djata. *Cabeleira*.



Fonte: <https://erasmuslanguagecafe.wordpress.com/tag/ismael-hipolito-djata/>.

Interessante reparar que, em Djata, o microcosmo africano, em particular guineense, transforma-se em macrocosmo a abranger toda a Humanidade e as problemáticas a esta ligadas:

His paintings transmit cultural messages and the mysteries of the universe. The art is an expression of his heart and soul. Through his works we see, that art has no borders, no race and no language. Ismael Hipólito Djata is a hyperrealist painter. His

painting[s] reflect the abstraction. He tries to find his world on human figures, customs, movements and chromatic treatments.⁴²

SIDNEY CERQUEIRA (1980-)

Sidney Castro Fernando Cerqueira, aliás simplesmente conhecido por Sidney Cerqueira, nasceu em Lisboa em 1980 de pais guineenses. Depois de ter passado os primeiros vinte anos da sua vida em Bissau, Sidney Cerqueira regressa a Portugal onde, em 2004, depois de ter concluído os estudos, começou as suas atividades como artista plástico.

A grande peculiaridade de Sidney Cerqueira é o facto de ele ser, até à data, o único artista plástico do mundo lusófono a aderir ao estilo criado pelo austríaco Voka (1965-), nomeadamente, o Realismo Espontâneo, autodefinido “a revival of the significance of contemporary art, a valued tradition in a new area, with a new interpretation reflecting today’s spirit of the time”.⁴³, o Realismo Espontâneo de Voka aposta na rapidez do movimento, pois a celeridade imposta pelas cores – as tintas expostas ao ar secam depressa – oferece aos movimentos do pincel grande força cinética, ímpeto e dinâmica.

Figura 40 – Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira.



Fonte: Guiné-Bissau: Trocava uma tela por cadernos e não dinheiro, Sidney Cerqueira. *Portal de Angola*. 1 ago. 2014. Disponível em: <https://www.portaldeangola.com/2014/08/trocava-uma-tela-por-cadernos-e-nao-dinheiro-sidney-cerqueira/>.

⁴² “As suas pinturas transmitem mensagens culturais e os mistérios do Universo. A arte é uma expressão do seu coração e da sua alma. Através das suas obras podemos ver que a Arte não tem fronteiras, raças ou línguas. Ismael Hipólito Djata é um pintor hiperrealista. A[s] sua[s] pintura[s] reflete[m] o abstrato. O artista tenta encontrar o seu mundo nas figuras humanas, nos usos e costumes, assim como nos movimentos e nas escolhas cromáticas” (Outras caras. *Erasmus Language Café in Guimarães and Braga*... Tradução do autor).

⁴³ “renovar e restabelecer a importância da Arte Contemporânea, uma tradição valiosa em uma nova era, com uma nova interpretação a refletir o espírito dos tempos de hoje” (Voka. Disponível em: www.voka.at/bio-3. Tradução do autor).

Figura 41 - Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira



Fonte: Guiné-Bissau: Trocava uma tela por cadernos e não dinheiro, Sidney Cerqueira. *Portal de Angola*. 1 ago. 2014. Disponível em: <https://www.portaldeangola.com/2014/08/trocava-uma-tela-por-cadernos-e-nao-dinheiro-sidney-cerqueira/>

Figura 42 – Sidney Cerqueira. *Padida*. Acrílico e óleo sobre tela.



Fonte: <https://www.facebook.com/sidneycerqueira80/photos/a.1896504477048866/1988523067847006/?type=3&theater>

Figura 43 – Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira



Fonte: <https://www.facebook.com/sidneycerqueira80/photos/a.1896504477048866/1988523067847006/?type=3&theater>

Figura 44 – Sidney Cerqueira. *Fatú*. Óleo sobre madeira, 80 x 50.



Fonte: <https://www.facebook.com/sidneycerqueira80/photos/a.1896504477048866/1931959900169990/?type=3&theater>

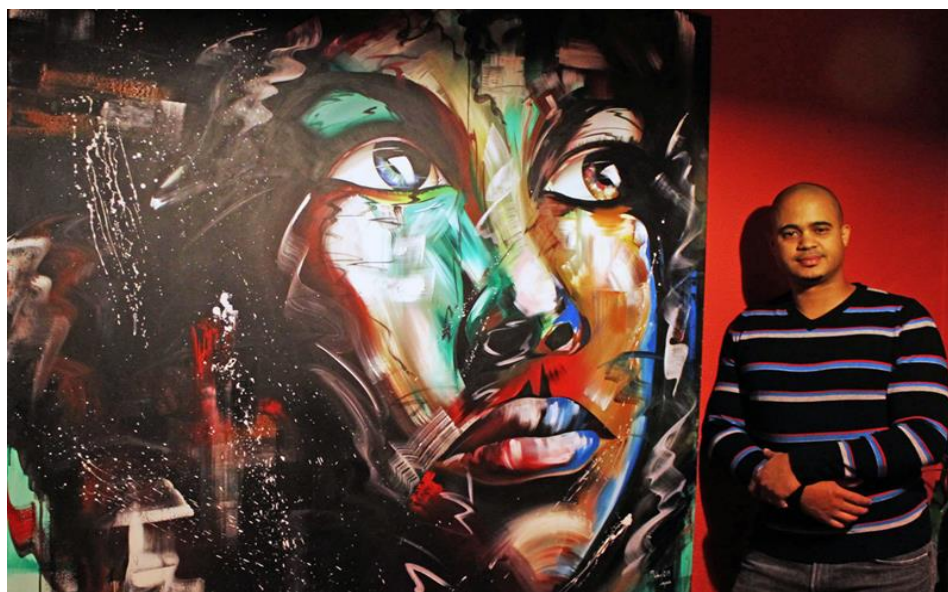
Assim como Voka, também Sidney Cerqueira descobriu e desenvolveu o seu próprio estilo de Realismo Espontâneo, em acrílico e em óleo. Ao observarmos as obras deste jovem artista plástico de origem guineense, reparamos que as suas cores são “vivas”, a demonstrar “um domínio técnico de desenho”, repleto de uma “combinação de pincéis e espátulas” única. Contudo, nas suas obras também podemos encontrar “temas que chamam a atenção do público em geral para as problemáticas sociais como a violência doméstica, o abuso de menores entre outros”.⁴⁴

Figura 45 – Reprodução de tela de Sidney Cerqueira



Fonte: Araújo, 2015

Figura 46 – Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira



Fonte: Wen (2015)

⁴⁴ Sidney Cerqueira. Disponível em: <https://sidney-cerqueira.webnode.pt/>.

Figura 47 – Sidney Cerqueira. *Kodé* Acrílico sobre tela, 150 x 90.



Fonte: <https://www.facebook.com/sidneycerqueira80/photos/a.1890717044294276/1922957291070251/?type=3&theater>

E é de facto este interesse pelas problemáticas sociais, sobretudo no que diz respeito ao abuso de menores, que leva Sidney Cerqueira a criar “oficinas de pinturas para crianças” e expor “coletivamente com elas”.⁴⁵

Figura 48 – Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira



Fonte: Luz (2015)

⁴⁵ Cf. Sidney Cerqueira. Disponível em: <https://sidney-cerqueira.webnode.pt/>.

Figura 49 – Fotografia de Sidney Castro Fernando Cerqueira



Fonte: *Rádio Jovem*. Disponível em: <https://www.radiojovem.info/guine-bissau-crise-aos-olhos-dos-artistas>

EDY MATOS (1981-)

Natural de Bissau e, desde 2000, radicado em Dakar, Edy Matos (1981-) é um jovem artista plástico guineense a gravitar em torno do Desenho, dos Retratos e da Pintura, esta última a representar os usos e costumes não só do seu Povo, mas de todos os povos africanos pré-contacto europeu, da África Ocidental à África Oriental, passando pelas outras áreas geográficas do continente africano, da África magrebina e do Egito à África Austral.

Figura 50 – Fotografia de Edy Matos



Fonte: Guiné-Bissau: A Crise aos olhos dos artistas”. *Rádio Jovem*. Disponível em: <https://www.radiojovem.info/guine-bissau-crise-aos-olhos-dos-artistas/>.

Entre as suas peças adquiridas para serem expostas publicamente, destacam-se, por exemplo, *The Joy* e *The Return of the Maasai Hunting*, ambas a abrilhantar o Banco Central dos Países da África Ocidental (BCEAO), em Bissau; *The Maasai Warrior*, obra permanente no Palácio da República, em Luanda; e *The Man of the Desert*, obra adquirida por Ulisses Correia e Silva (1962 -), primeiro-ministro de Cabo Verde (2016 -).

O tema central das obras “africanas” de Edy Matos, em óleo, gira em torno de três pontos principais, nomeadamente, “cenas étnicas da vida quotidiana”, as “crianças” e “a mulher negra”. Esta é a razão pela qual as suas obras podem ser consideradas representações particularizadas do folclore local e da vida quotidiana africana, onde podemos encontrar, por exemplo, “ornamentos [tradicionais africanos] figurinos, danças caças” e “guerreiros com grandes detalhes e pormenores”.⁴⁶

Figura 51 – Pintura de Edy Matos



Fonte: https://galerianag.com/index.php?id_product=20&controller=product&id_lang=2

⁴⁶ Perfil Artístico. *Nimba Art Gallery*. Disponível em: https://galerianag.com/index.php?id_product=19&controller=product&id_lang=2.

Figura 52 – Pintura de Edy Matos

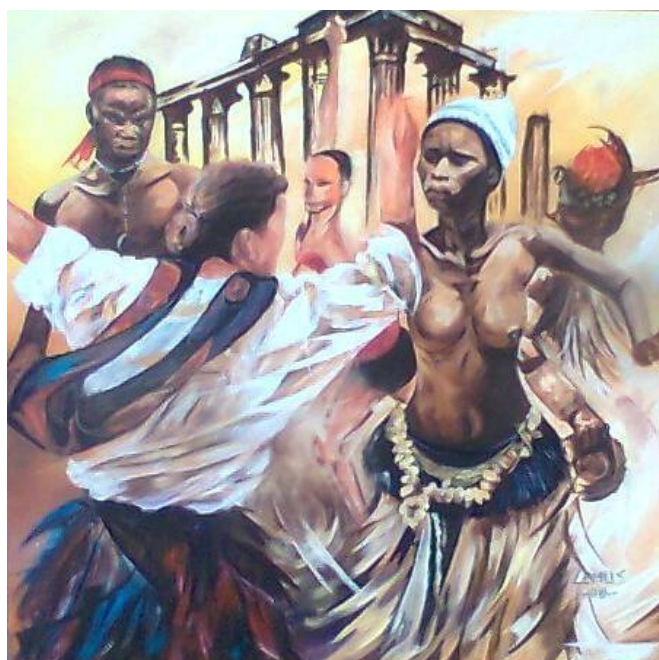


Fonte: https://galerianag.com/index.php?id_product=19&controller=product&id_lang=2

LEMOS MAMADJAN HIPÓLITO DJATA (1981-)

Natural de Bafatá, o escultor e pintor Lemos Mamadjan Hipólito Djata (1981-), possui Licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas pela Universidade de Évora.

Figura 53 – Lemos Mamadjan Hipólito Djata. *Intercâmbio Cultural*.



Fonte: <http://artafrika.lettras.ulisboa.pt/en/artist/134.html>

As pinturas de Lemos Mamadjan Hipólito Djata exploram o mundo das ações e emoções humanas, misturando o Realismo/Naturalismo (segunda década do século XIX) com o Surrealismo (primeiros anos da segunda década do século XX) ou, melhor, como ele próprio sugere, o Hiper-realismo⁴⁷, particularmente quando tenta representar “expressões com figuras humanas” e “no tratamento dos fundos, alcançando de uma forma discreta de abstração”.⁴⁸ O movimento, sobretudo quando se está a representar a dança, é coadjuvado pela expressão rápida do ritmo, este último lindamente interpretado pela escolha cromática.

Figura 54 – Lemos Mamadjan Hipólito Djata. *Biblioteca Africana*



Fonte: <http://artafrica.lettras.ulisboa.pt/en/artist/134.html>

⁴⁷ A não confundir com o Hiper-realismo, um tipo de escultura e pintura surgido nos primeiros anos da década de 70 do século XX inspirado nas fotografias a alta resolução, tendo assim as raízes no Fotorrealismo, este último um método segundo o qual o artista plástico tenta reproduzir as imagens de uma fotografia nas suas obras.

⁴⁸ A vida e a obra do pintor guineense 'Lemos Djata'!!. Disponível em: <http://conosaba.blogspot.com/2014/01/a-vida-e-obra-do-pintor-guineense-lemos.html>.

Lemos Mamadjan Hipólito Djata mostrou as suas telas em galerias de arte no Brasil, em Cabo Verde, na Guiné-Bissau, no Egito, no Senegal, em Espanha, França e Portugal:

I feel alive when making my art. Somehow painting gave me directions. I like oil paints because of its fluidity and the facility that it provides. I like the contrast dark-light compositional technique in my paintings. As an artist I make use of every color with exception of ivory black. Human figure is what appears in most of my paintings because I feel like enhancing the concept of humanity. I take the time adequately needed to appreciate and give more detail to my paintings. Music is one of the things that inspire[s] me. It fills the void that is within any artist (LEMOS DJATA).⁴⁹

Figura 55 – Lemos Mamadjan Hipólito Djata. *Proteção*.



Fonte: LEMOS DJATA. *Museu de Arte Contemporânea Blogspot*. Disponível em: http://museudeartecontemporaneamac.blogspot.com/2012/10/artista-do-acervo-permanente-do-museu_8.html.

⁴⁹ “Sinto-me vivo quando produzo arte. Pois, pintar deu-me um escopo. Gosto das pinturas a óleo pela sua fluidez e simplicidade. Gosto da técnica de contrastes escuro/claro. Enquanto artista, uso todas as cores com exceção do negro de marfim. A figura humana aparece em quase todas as minhas pinturas porque quero melhorar o conceito da Humanidade. Tomo o meu tempo para apreciar e dar mais detalhes às minhas pinturas. A Música é uma das coisas que me inspira. Preenche aquele vazio que habita no coração de todos os artistas” (LEMOS DJATA. *Museu de Arte Contemporânea Blogspot*. Disponível em: http://museudeartecontemporaneamac.blogspot.com/2012/10/artista-do-acervo-permanente-do-museu_8.html. Tradução do autor).

CONCLUSÕES

Na Guiné-Bissau não há grande promoção ou valorização das áreas de “Belas-Artes”.

(Aguinaldo Ampa)

Como temos visto nessa nossa apresentação de artistas plásticos naturais da Guiné-Bissau a viverem no seu país de origem e/ou na Diáspora, o comum denominador parece ser a decisão de promover arte que, de um lado, enalteça a vida guineense em todos os seus aspetos – do hodierno e banal ao mais sagrado e sublime – e, do outro, denuncie a letargia e a corrupção dos políticos guineenses, os quais ou prometem e não cumprem ou simplesmente não investem (suficientemente) nas Belas-Artes do próprio País.

Como proferira Lemos Mamadjan Hipólito Djata, artista plástico e também Presidente da Associação de Artistas Plásticos Guineenses, a *Bissauarte*, valorizar as Belas-Artes “é fundamental para o desenvolvimento de qualquer país” (AMPA, 2015). Para promover as Artes na Guiné-Bissau é portanto necessário começar a educar as pessoas, pois, sempre como sugere Lemos Mamadjan Hipólito Djata, temos de ter “ensino de qualidade” e as escolas devem “ser lugar para ensinar e explicar o significado deste trabalho de pintura” (AMPA, 2015).

Por outras palavras, temos de mudar as mentalidades, pois mentalidades fechadas são portas fechadas ao desenvolvimento de um país. No passado, nomeadamente, durante o Colonialismo português, era comum para os guineenses estarem muito interessados em afirmar a própria identidade – isto incluía a cultura artística do povo guineense. De facto, a “luta contra o colonialismo fez-se em várias frentes. Uma caneta, uma música e um pincel também podem ser uma arma” (TAVARES). Infelizmente, com a Independência, parece que a ênfase e o empenho se tenham mudado para a esfera política só para servir os interesses pessoais de quem está ao poder no momento. Passada a luta para libertar-se do jugo colonial, passado o desejo de promover aquilo que é nacional. Durante a Guerra Colonial, a arte foi um dos tantos instrumentos ao alcance dos rebeldes para afirmarem a sua identidade e dar-lhes ímpeto para lutar em prol da liberdade:

As artes são muitas vezes usadas para expressar revolta e disseminar ideias. Não foi diferente no período colonial. A escrita foi uma das ferramentas mais usadas para espalhar a mensagem contra o regime e promover a identidade nacional. Vários destes artistas e intelectuais participavam ativamente na guerra colonial, a par da revolta veiculada por livros ou pinturas. Foram presos, alguns assassinados, mas o seu legado não foi esquecido e ainda hoje inspiram gerações (TAVARES).

Ora temos de apostar nestas novas gerações. Temos de “mostrar ao povo guineense que a arte plástica é uma coisa especial, maravilhosa e que deve ser valorizada para a sua afirmação no país” (AMPA). Por outras palavras, enaltecer as Artes é enaltecer o passado, o presente e o futuro da Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS

A arte de viver da arte na Guiné-Bissau. *Sol*, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://sol.sapo/artigo/63685/a-arte-de-viver-da-arte-na-guine-bissau/>.

AMINÁ Expõe no Mosteiro da Batalha. *Negócios da Lusofonia*, 9 ago. 2016. Disponível em: <http://www.mabululu.com/index.php/articles/3/27/amin-exp-e-no-most-rio-da-batal>.

AMPA, A. Presidente de Associação Artistas Plásticos: “Não há valorização de Belas Artes na Guiné-Bissau”. *O Democrata GBN*, 19 nov. 2015. Disponível em: <http://www.odemocratagb.com/?p=7034>.

ARAÚJO, W. Exposição de pintura de Sidney Cerqueira na Malaposta [14 out. a 1 nov. de 2015]. *Lisboa Africana*, 4 out. 2015. Disponível em: <https://lisboaaficana.com/2015/10/04/exposicao-de-pintura-de-sidney-cerqueira-na-malaposta-14-out-1-nov-2015/>.

ARTISTA “LILISON” EM BISSAU para “apoiar” desenvolvimento da cultura guineense. 14 dez. 2021.. Disponível em: <http://www.faapa.info/blog/artista-lilison-em-bissau-para-apoiar-desenvolvimento-da-cultura-guineense>.

ART THAT CHANGED THE WORLD. *Creative Victoria*. Disponível em: <https://creative.vic.gov.au/showcase/art-that-changed-the-world>.

AUGEL, M. P. *O desafio do escombros*. Nação, identidade e pós colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUGUSTO TRIGO. *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$augusto-trigo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$augusto-trigo). Consultado em 24 set. 2018.

BANYA, E. This Guinea Bissau Artist Uses His Art to Draw Attention to Social Justice. *Design Indaba*, 24 set. 2018. Disponível em: <https://www.designindaba.com/articles/creative-work/guinea-bissau-artist-uses-his-art-draw-attention-social-injustice>.

BARBOSA, A. *Guinéus*. Lisboa: Livraria Progresso Editora, 1968. Disponível em: <http://senegambia.blogspot.com/2005/08/guinus.html>.

BARROS, Vasco de. *Dor e esperança*. [s.l.]: [s.n.], 2013.

BOLETIM ESTATÍSTICO DA GUINÉ-BISSAU. Guiné-Bissau em números 2015. Bissau: Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau, 2015. Disponível em: <http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/guineebissau-em-numero2015.pdf>.

BROSSELDARD-FAIDHERBE, H. F. Les Féloupes. In: BROSSELDARD-FAIDHERBE, H. F. *Casamance et Mellacorée*. Pénétration au Soudan. Paris: Librairie Illustré 1898.

CARLOS, J. Artistas da CPLP unidos contra a fome. *DW*, 12 set 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/overlay/media/pt-002/artistas-da-cplp-unidos-contra-a-fome/40408005/46755583>.

CASTRO, F. de. *África Raiz*. Setúbal: Tipografia A. Cândido Guerreiro (Herdeiros), 1966. Disponível em: <http://senegambia.blogspot.com/2005/08/frica-raiz.html>.

CHAM, M. B. Film Text and Context: Reweaving Africa's Social Fabric Through its Contemporary Cinema. *Newsreel.org*. Disponível em: <http://www.newsreel.org/articles/context.htm> (reeditado em *Gamwriters.com*. Disponível em: <http://gamwriters.com/africa/gambia/post/2008/9/6/film-text-and-contextreweaving-africas-social-fabricthrough-its-contemporary-cinema>. Acessado em: 15 nov. 2008.

CLDF recebe exposição de artista da Guiné-Bissau. *CLDF.GOV.BR*. 15 maio 2015. Disponível em: http://cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IT0h/content/cldf-recebe-exposicao-de-artista-da-guine-bissau?redirect=http%3A%F%www.cl.df.gov.br%2Finicio.

CULTURA. Artista plástico acusa autoridades guineenses de não dar atenção à Arte". *Conosaba.blogspot.pt*. 2 fev. 2017. Disponível em: <http://conosaba.blogspot.com/2017/02/cultura-artista-plastico-acusa.html>.

CUNHA, A. da. Apontamentos etnográficos sobre os Felupes de Susana. *Boletim Cultural da Guiné-Bissau*, v. 5, p. 187-223, 1950.

DARAME, B. Mû Mbana pretende divulgar instrumentos tradicionais dos povos Bijagós. *Deutsche Welle*, 07 set. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/m%C3%BB-mbana-pretende-divulgar-instrumentos-tradicionais-dos-povos-bijag%C3%B3s/a-45404435>.

DARAME, B. Zé Manel Fortes: “Desafio é resgatar Guiné-Bissau após 45 anos de independência”. *Deutsche Welle*, 21 set. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/z%C3%A9-manel-fortes-desafio-%C3%A9-resgatar-guin%C3%A9-bissau-ap%C3%B3s-45-anos-de-independ%C3%Aancia/a-45565182>.

DIRECÇÃO GERAL DA CULTURA. *Museu Nacional da Guiné-Bissau. Recolher – Estudar, Preservar – Divulgar*. Bissau: Gráfica Eme Silva, 1988. Disponível em: <http://senegambia.blogspot.com/2005/08/museu-nacional-da-guin-bissau-1988.html>.

DJUMBAI. Exposição do artista plástico Sidney Cerqueira. *TV Guiné-Bissau*, abr 2015. Disponível em: <http://www.guine-bissau.tv/2015/04/djumbai-exposicao-do-artista-plastico.html>.

ELIASSON, O. Why Art Has the Power to Change the World. *World Economic Forum*, 18 jan. 2018. <https://www.weforum.org/agenda/2016/01/why-art-has-the-power-to-change-the-world/>.

FERNANDES, B.; GUIMARÃES, A. M. Novas cartografias marítimas, novos rumos da arte guineense. *CLEPULEU/LUSOSOFLA.NET*. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28626/1/evelyn_blaut_fernandes_adriana_mello_guimaraes.pdf.

FIGURA DA SEMANA: Sidney Cerqueira “espelho” da arte plástica guineense. *O Democrata*. 26 mar 2017. Disponível em: <http://www.odemocratagb.com/?p=12310>.

LES FLOUPS. *Guiné-Bissau.net*. Disponível em: https://www.guinee-bissau.net/ethnie_floup.php.

UN FELOUPE. *Africa, Containing a Description of the Manners and Customs, with Some Historical Particulars of the Moors of the Zahara, and of the Negro Nations between the Rivers Senegal and Gambia*. v. I e IV. Nova Iorque: New York Public Library, 1821.

GOMES, A. e CAVACAS, F. *A literatura na Guiné-Bissau*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

GONÇALVES, A. Literatura e sociedade na Guiné-Bissau: O Desafio do Escombro. *TLAXCALA*. 5 nov. 2008. Disponível em: <http://www.tlaxcala.es/pp.asp?reference=6259&lg=po>.

GUINÉ-BISSAU. *Triplon.com*. Disponível em: http://www.triplon.com/guinea_bissau/.

GUINÉ-BISSAU: “Trocava uma tela por cadernos e não dinheiro”, Sidney Cerqueira. *Portal de Angola*. 1 ago 2014. Disponível em: <https://www.portaldeangola.com/2014/08/trocava-uma-tela-por-cadernos-e-nao-dinheiro-sidney-cerqueira/>.

GUINÉ-BISSAU. Nu Barreto. *Lumieres d’Afrique*. Disponível em: <http://www.lumieresdafriques.com/en/artist/nu-barreto/>>.

THIS GUINEA BISSAU artist uses his art to draw attention to social injustice. *Design Indaba*. Disponível em: <http://www.designindaba.com/articles/creative-work/guinea-bissau-artist-uses-his-art-draw-attention-social-injustice>.

JAFONO, A. Guiné-Bissau: artesanato em madeira passa de geração em geração. *Conexão Lusófona*. Disponível em: <http://www.conexaolusofona.org/guine-bissau-arte-em-madeira-passa-de-geracao-em-geracao/>.

JANKOVIĆ, B. Artist, Can Art Change Society? *Tate*. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/tate-exchange/can-art-change-society>.

JAIRWPR. Guiné-Bissau é o novo alvo do Brasil. Oportunidades para missões. *Instituto Paraclete*, 5 maio 2014. Disponível em: <https://institutoparaclete.org/2014/05/05/guine-bissau-e-o-novo-alvo-do-brasil-oportunidades-para-missoes/>.

JARDIM, M. Disponível em: www.manuelajardim.com.

KIPP, E. *Guiné-Bissau*. Aspectos da vida de um povo. Mem Martins: Editorial Inquérito, 1994. . Disponível em: http://senegambia.blogspot.com/2005/08/guin-bissau-aspectos-da-vi_112432104150231289.html.

LEMOES DJATA. *Museu de Arte Contemporânea* *blogspot..* Disponível em: http://museudeartecontemporaneamac.blogspot.com/2012/10/artista-do-acervo-permanente-do-museu_8.html.

LEVI, J. A. Ser mulher nos Bijagós: jogos de poder, igualdade ou super(infe)rioridade? In: ROCHA-CUNHA, Silvério da; MANSO, M. de D. (ed.) *Poder e tempo mundial*. Histórias, conjecturas e eixos problemáticos. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2019. p. 81-101.

LEVI, J. A. 1907-1914: Terra prometida em terras angolanas: dinâmicas e tensões (inter)nacionais. *Revista Nordestina de História do Brasil*, n. 1, v. 1, p. 86-122, 2019. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiadobrasil/article/view/985/626>.

LEVI, J. A. A literatura oral guinéu-equatoriana: origens e desenvolvimento. In: BIN-LABĀH, Fātihah . (ed). *África, Portugal e Brasil: trajetórias, memórias e identidades*. Rabat: Institut des Études Hispano-lusophone, 2013a. p. 211-232.

LEVI, J. A. Novos espaços pós-coloniais em *Mistida* do guineense Abdulai Sila (1958-). In: *Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau. Percursos do Saber e da Ciência*. ISCSP, Lisboa, 21-23 de junho de 2012. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT); Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (ISCSP-UTL), 2013b. p. 1-18. Disponível em: <http://coloquiocvgb.files.wordpress.com/2013/06/p04c01-j-a-levi.pdf>.

LEVI, J. A. Cabo Verde e São Tomé: divergências e semelhanças literárias. *Mentalities/Mentalités* v. 18, n. 2, p. 15-25, 2004.

LUMIÈRES D'AFRIQUES: 54 artistas africanos expõem em Paris”. Disponível em: <http://pt.rfi.fr/guine-bissau/20151104-lumieres-dafriques-com-54-artistas-africanos>.

LUZ, N. da. “A arte é a alma da sociedade. Precisamos dela para combater os preconceitos”, diz Sidney Cerqueira. *Por dentro da África*, 15 mar 2015. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/negocios/a-arte-e-a-alma-da-sociedade-precisamos-dela-para-combater-os-preconceitos-diz-sidney-cerqueira>.

MACIEL, C. Língua Portuguesa: diversidades literárias: o caso das literaturas africanas. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. set. 2004. p. 1-20. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/CarmenMaciel.pdf>.

MAGE, E. *Voyage dans le Soudan*. Paris: Hachette, 1872. “34-35. Nova Iorque: New York Public Library. https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/15/Griot_de_Niantanso-1872.jpg.

MATA, I. A literatura da Guiné-Bissau. In: Pires Laranjeira (ed) *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. p. 353-364.

MOTA, A. T. da. *As Viagens do Bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné*. Disponível em: <http://senegambia.blogspot.com/2005/08/as-viagens-do-bispo-d-frei-vitoriano.html>.

NEUMANN, M. Nas margens da periferia? O conto guineense. On the Banks of the Periphery? The Guinean Short Story. Congresso Internacional O Conto: O Cânone e as Margens. 17, 18 e 19 de maio de 2017. Universidade de Aveiro. Forma Breve: O Conto: O Cânone e as Margens, v. 14, p. 339-357, 2017 <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/10958/9062>>.

NEVES, A. Sidney Cerqueira e Tutu Sousa expõem “Aguarela Café – o quotidiano de Cabo Verde e Guiné-Bissau. *A Nação*, 31 jan. 2017. Disponível em: <http://anacao.cv/2017/01/31/sidney-cerqueira-tutu-sousa-expoem-aguarela-cafe-quotidiano-cabo-verde-guine-bissau/>.

NU BARRETO. BISSAU-GUINEAN, B. 1966. *Artsy.net*. Disponível em: <https://www.artsy.net/artist/nu-barreto>.

NÚ BARRETO: AFRICA: Renversante, renversée. *GalleriesNow*. Disponível em: <https://www.galleriesnow.net/shows/nu-barreto-africa-renversante-renversee/>.

NU BARRETO. *Nubarreto.com*. Disponível em: https://www.nubarreto.com/crbst_2_pt.html.

NU BARRETO. *Artsy.net*. Disponível em: <https://www.artsy.net/artist/nu-barreto>.

NU BARRETO. *LouiSimoneGuirandouGallery*. Disponível em: <https://louisimoneguirandou.gallery/nu-barreto/?lang=en>.

OUTRAS CARAS. *Erasmus Language Café in Guimarães and Braga*. Disponível em: <https://erasmuslanguagecafe.wordpress.com/tag/ismael-hipolito-djata/>.

PARENTE AUGEL, M. *O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

PERFIL ARTÍSTICO. *Nimba Art Gallery*. Disponível em: https://galerianag.com/index.php?id_product=19&controller=product&id_lang=2.

PROJECTO GUINÉ-BISSAU CONTRIBUTO. *Didinho.org*. Disponível em: <http://www.didinho.org/>.

RAMOS, G. *São Bernardo*. Lisboa: Cotovia, 2005.

REENCONTRO, pintura e desenho de Carbar e Maio Coopé. *Centro InterculturaCidades*. Disponível em: <https://interculturacidade.wordpress.com/2010/08/16/reencontro-pintura-e-desenho-de-carbar-e-maio-coope/>.

SAGNA, A. Funérailles chez le Floups. *Notes Africaines*, v. 41, p. 7-8, 1949.

SANTOS, N. dos. Guiné-Bissau: a crise aos olhos dos artistas. *Deutsche Welle* 24 set. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/guin%C3%A9-bissau-a-crise-aos-olhos-dos-artistas/a-40651488>.

SEMEDO, O. O desassossego do ser – Odete Semedo. *Crónicas de Bissau Worldpress*. Disponível em: <https://cronicasdebissau.wordpress.com/2016/07/27/o-desassossego-do-ser-odete-semedo/>.

SEMEDO, O. A língua e os nomes na Guiné-Bissau. *Djambadon.blogspot.com*. Disponível em: <http://djambadon.blogspot.com/2006/03/lingua-e-os-nomes-na-guin-bissau.html>. 2006a

SEMEDO, O. Língua esvoaçante. *Djambadon.blogspot.com*. Disponível em: http://djambadon.blogspot.com/2006_03_01_archive.html. 2006b

SEMEDO, O. Língua esvoaçante. *Ciberdúvidas ISCTE-IUL*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/lingua-esvoacante-/723>.

SEMEDO, O. *Entre o ser e o amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, 1996.

SENEGAMBLA.BLOGSPOT.COM. Disponível em: <http://senegambia.blogspot.com/>.

Sidney Cerqueira expõe no Teatro Municipal da Guarda. *Notícias Online*. 21 jan. 2015. Disponível em: <http://www.noticiasonline.eu/sidney-cerqueira-expoe-no-teatro-municipal-da-guarda/>.

Sidney Cerqueira, pintor guineense de “Realismo Espontâneo” expõe suas obras em Brasília. *Jornal de Brasília*. Disponível em: <http://www.jornaldebrasil.com.br/viva/sidney-cerqueira-pintor-guineense-de-realismo-espontaneo-expoe-suas-obras-em-brasil/>.

SIDNEY CERQUEIRA. Disponível em: <https://sidney-cerqueira.webnode.pt/>.

SIGNIFICADO DE ABAPORU de Tarsila do Amaral. *Cultura Genial*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/abaporu/>.

SILVA, A. A. da. *Direitos civil e penal dos mandingas e dos Felupes da Guiné-Bissau*. Bissau: Dedild, 1983.

SIMÕES, L. *Babel negra*. Porto: Oficinas Gráficas de O Comércio do Porto, 1935.

SOUSA, N. P. de. Exposição: Augusto Trigo e Jorge Magalhães. *Bandas Desenhadas*. 20 jun. 2016. Disponível em: <http://bandasdesenhadas.com/2016/06/20/exposicao-augusto-trigo-jorge-magalhaes/>.

TAVARES, V. C. As artes como arma anticolonial. *Deutsche Welle*. 25 abr. 2108. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/as-artes-como-arma-anticolonial/g-43514163>.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA *Terceiro Recenseamento Geral a População e Habitação - 2009*. Bissau: Instituto Nacional de Estatística, 2009. Disponível em: http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf.

TARBOX, W. 1-54 in Paris Draws Art Lovers for In-Person Showcase of African Contemporary Art. *Artsy.net*, 25 abr. 2021. Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-1-54-paris-draws-art-lovers-in-person-showcase-african-contemporary-art>.

TRIPLOV.COM. *Bibliografia relativa à Guiné-Bissau*. Disponível em: http://www.triplov.com/guinea_bissau/biblio/index.htm.

VALDEZ, F. T. *Six Years of a Traveller's Life in Western Africa*. v. 1. Londres: Hurst and Blackett, 1861. p. 193-195.

VICO, G. *Principj di Scienza Nuova di Giambattista Vico d'intorno alla Comune Natura delle Nazioni*. Nápoles: Nella stamperia Muziana, a spese di G. e S. Elia, 1744.

A VIDA E A OBRA DO PINTOR GUINEENSE LEMOS DJATA. Disponível em: <http://conosaba.blogspot.com/2014/01/a-vida-e-obra-do-pintor-guineense-lemos.html>

VOKA. Disponível em: www.voka.at>.

WEN, É. CLDF recebe exposição de artista da Guiné-Bissau. *Câmara Legislativa*. Distrito Federal. 15 maio 2015. Disponível em: http://www.cl.df.gov.br/ultimas-noticias/-/asset_publisher/IT0h/content/cldf-recebe-exposicao-de-artista-da-guine-bissau?redirect=http%3A%2F%2Fwww.cl.df.gov.br%2Finicio.

Data de aprovação: 03/04/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)